



CATÓLICA
UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA | PORTO
Faculdade de Educação e Psicologia

Monitorização do Programa Mais Sucesso_Fénix

Relatório

José Matias Alves

Porto

Agosto de 2010

Agradecimentos

O autor agradece à equipa AMA-Fénix do Agrupamento de Beiriz (Dr^a Luísa Tavares Moreira, Dr. Marco Martins e Dr^a Daniela Barbosa) o espírito de cooperação e as oportunidades que possibilitaram a realização de um trabalho de monitorização que se crê contribuiu para o êxito global do projecto.

À Dr^a Maria José Araújo, que passou a integrar a partir de Abril de 2010, a nível da UCP, a equipa de apoio à monitorização do projecto, os meus agradecimentos pela disponibilidade e dedicação.

Roteiro

1. Objecto e objectivo
2. Partes
3. Modelo de monitorização
4. Acções realizadas por tipologia
5. Sentidos da intervenção
6. Indicadores de monitorização
7. Dados de avaliação das acções
8. Situações-problema e modos de equação
9. Conclusões e recomendações

Lista de Gráficos

Gráfico 1 – Número de acções realizadas

Gráfico 2 – Número de horas de preparação

Gráfico 3 – Número de horas de realização de acções

Gráfico 4 – Número de horas de deslocação

Gráfico 5 – Número de professores envolvidos

Gráfico 6 – Distribuição global do tempo de intervenção

Gráfico 7 – Participantes por escola, acção de formação Lisboa, Abril

Gráfico 8 – Avaliação da acção de Lisboa, Abril 2010

Gráfico 9 – Número de professores por escola, acção de Évora, Abril 2010

Gráfico 10 – Avaliação da acção de Évora, Abril 2010

Gráfico 11 – Participantes por escola/agrupamento, acção do Porto, Abril de 2010

Gráfico 12 – Avaliação da acção do Porto, Abril 2010

Gráfico 13 – Avaliação do seminário nacional, Lisboa, Julho 2010

Lista de anexos

Anexo 1 – Programa de formação do 1º período (Porto, Lisboa, Évora)

Anexo 2 – Programa de formação de Abril de 2010

Anexo 3 – Programa do Seminário Nacional de 15 de Julho 2010, Lisboa

Anexo 4 – Ficha de avaliação usada no seminário nacional

Anexo 5 – Regulamento dos Posters

Anexo 6 – Situações-problema

1. Objecto e objectivo

O presente relatório, enquadra-se no protocolo assinado entre a Direcção-Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular (DGIDC) e a Universidade Católica Portuguesa (UCP), tem como objecto a descrição, em linhas gerais, do processo de monitorização no âmbito do programa mais sucesso/Fénix e assume como objectivos

- i) Identificar e caracterizar as principais linhas de acção
- ii) Analisar os eixos de intervenção
- iii) Sistematizar alguns indicadores de realização
- iv) Enunciar recomendações para a acção próxima

2. Partes

O relatório organiza-se em três grandes partes; numa primeira parte procede a uma contextualização e descrição do modelo de monitorização; numa segunda parte procede à sistematização de elementos de avaliação que foram sendo recolhidos ao longo do processo; na terceira parte procede-se a uma análise das questões-críticas e enunciam-se as conclusões e as recomendações.

3. Modelo de monitorização

O modelo de monitorização inspira-se no protocolo assinado entre a DGIDC e UCP_Centro Regional do Porto e caracteriza-se pelo seguinte:

- 3.1. É uma monitorização de segunda linha, ancorada na acção primária de acompanhamento realizada pelo agrupamento de Beiriz que assume a coordenação nacional do projecto Fénix;
- 3.2. É uma monitorização selectiva, uma vez que se direcciona para os contextos escolares que requerem uma intervenção mais específica;
- 3.3. É uma monitorização diversificada nos seus modos de acção e interacção;
- 3.4. É uma monitorização de suporte e securização da acção, assumindo-se, sobretudo na sua dimensão formativa.

4. Acções realizadas por tipologia

No quadro da acção plural protocolada, foram desenvolvidas as seguintes linhas de acção ¹:

- 4.1. Seminário nacional de lançamento do projecto Fénix (Póvoa de Varzim)
- 4.2. Sessões regionais de trabalho com as escolas no início do ano lectivo (Porto, Lisboa, Évora)
- 4.3. Sessões de formação regionais com a duração de 6 horas no primeiro período lectivo
- 4.4. Sessões de monitorização regional no segundo período lectivo (Porto, Lisboa, Évora)
- 4.5. Sessões de trabalho com oito escolas identificadas pelo agrupamento de Beiriz no segundo período
- 4.6. Sessões de formação regionais com a duração de 6 horas no terceiro período (Lisboa, Évora, Porto)
- 4.7. Sessões de trabalho com escolas ² consideradas *críticas* pelo agrupamento de Beiriz ao longo do terceiro período
- 4.8. Seminário nacional de encerramento do 1º ano de funcionamento do projecto no dia 15 de Julho em Lisboa.

5. Sentidos da intervenção

Conforme se depreende do modelo de monitorização adoptado, a UCP procurou estar ao serviço do desenvolvimento do projecto através de uma disposição de escuta e disponibilidade, face à informação e análise realizada ao nível do primeiro nível de monitorização sediado no agrupamento de Beiriz.

Neste quadro de intervenção de segunda linha, respondeu a todas as questões colocadas pelo agrupamento de Beiriz e realizou as acções no terreno (encontros, seminários de formação e intervenções localizadas) sempre que foi solicitada.

A intervenção assumiu sobretudo os seguintes sentidos:

- a) Sentido do conhecimento e do reconhecimento
- b) Sentido da escuta
- c) Sentido da confiabilidade e inspiração
- d) Sentido da formação

¹ As actividades realizadas estão em larga medida referenciadas na publicação *Projecto Fénix – Mais sucesso para todos. Memórias e dinâmicas de construção do sucesso escolar*. Porto:UCP

² A referência a Escolas inclui a realidade Agrupamentos.

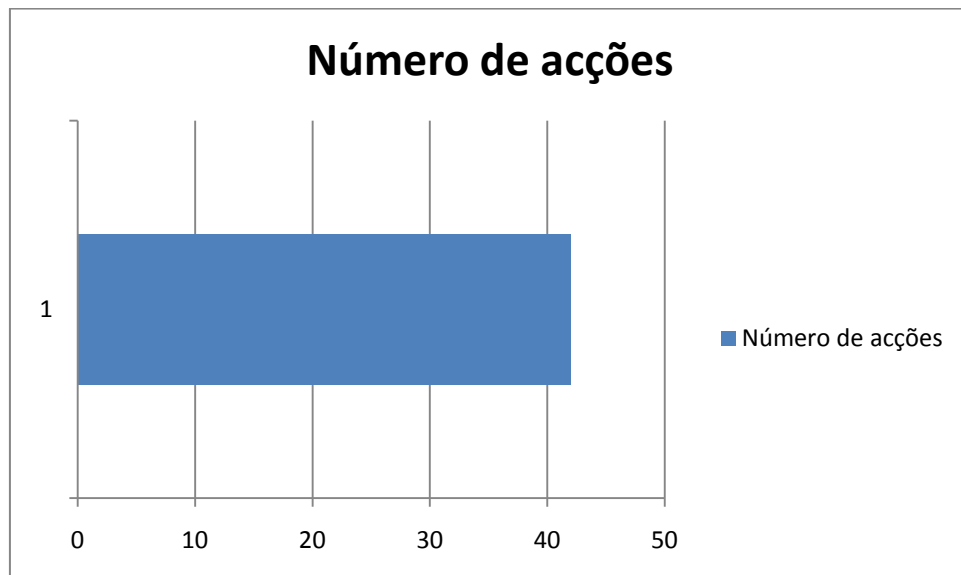
6. Indicadores de monitorização

Dado o exposto, e para se ter uma percepção do grau de intervenção realizada, apresentam-se, seguidamente, alguns indicadores que evidenciam o comprometimento e a participação da Faculdade de Educação e Psicologia.

6.1. Número de acções realizadas (42)

Um primeiro indicador recolhido tem a ver com o número de acções realizadas, incluindo-se nesta categoria acções no terreno (seminários, encontros, reuniões) e sessões de planeamento.

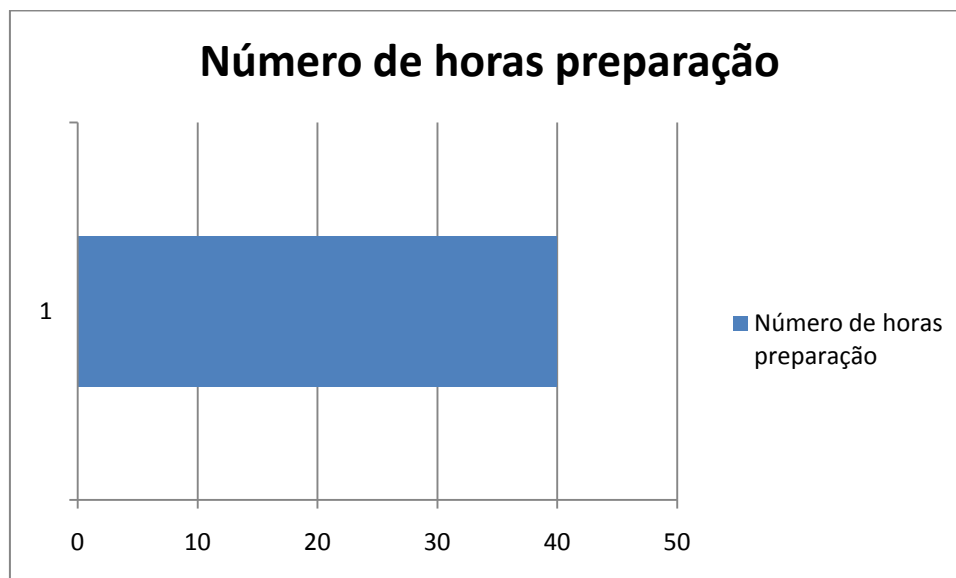
Gráfico 1 – Número de acções realizadas (42)



6.2. Número de horas de preparação (40)

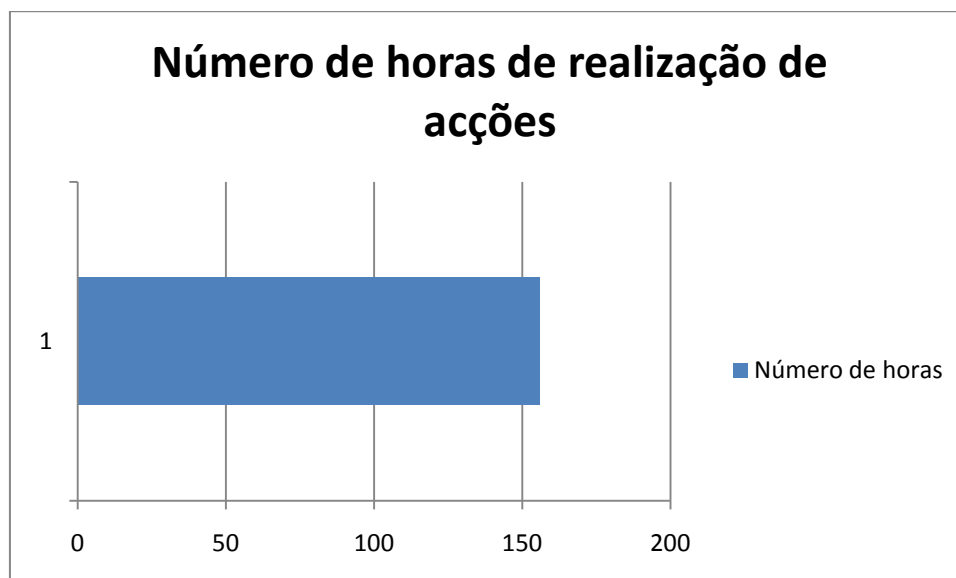
As horas de concepção e preparação das diferentes tipologias de acções foram as seguintes:

Gráfico 2 – Número de horas de preparação



6.3. Número de horas de realização de acções (156)

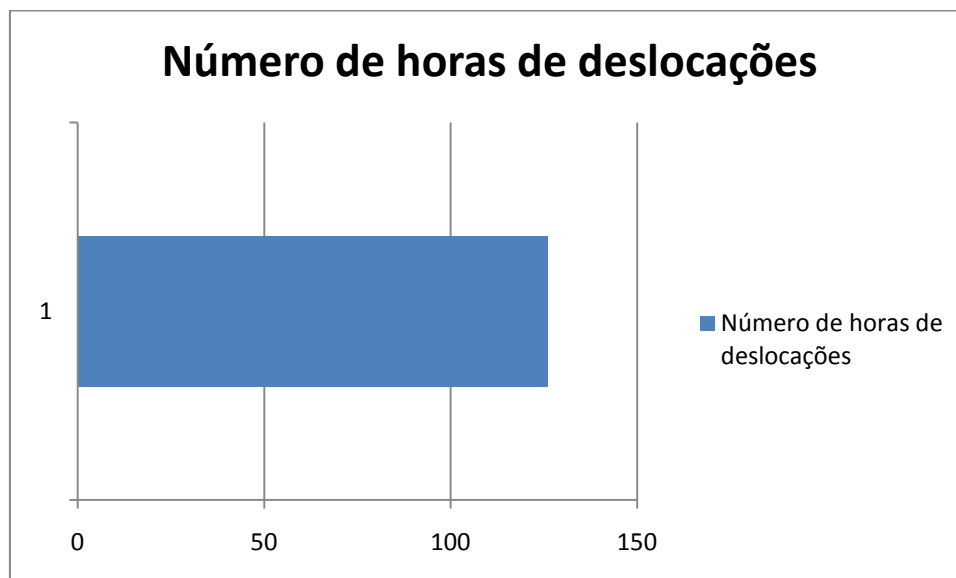
Gráfico 3 – Número de horas de realização de acções



6.4. Número de horas de deslocações (126)

Dada a dispersão geográfica das escolas, assume algum significado o número de horas passado em deslocações.

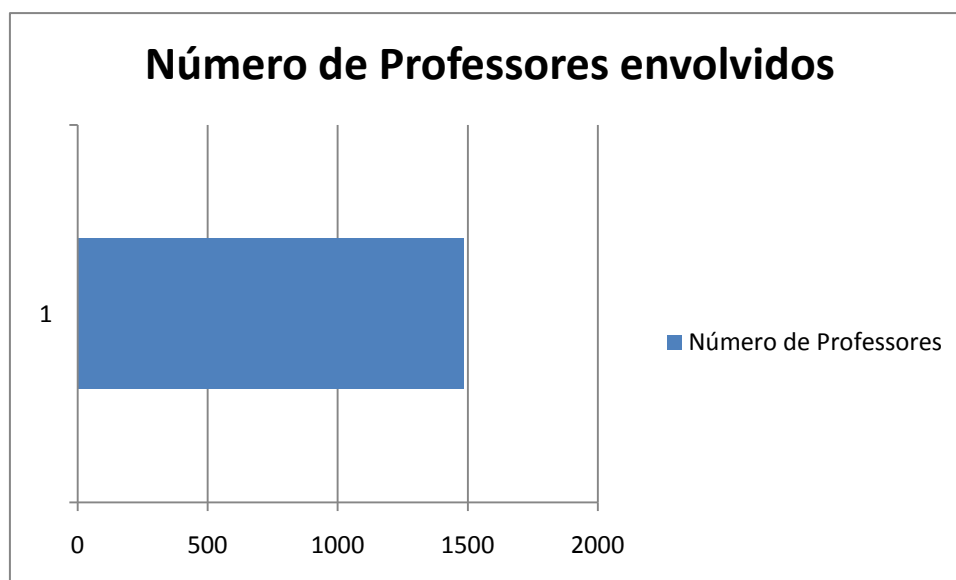
Gráfico 4 – Número de horas de deslocação



6.5. Número de professores envolvidos

Nas múltiplas acções realizadas – seminários, encontros...- , destaca-se o elevado número de professores participantes.

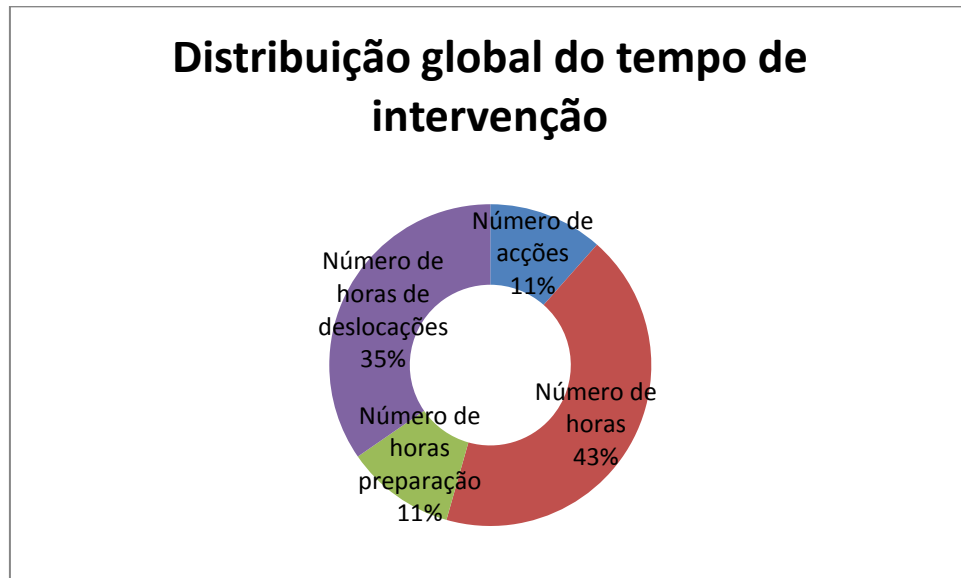
Gráfico 5 – Número de professores envolvidos (1486)



6.6. Distribuição global

Procurando saber onde foi dispendido o tempo afecto à monitorização obtém-se a seguinte distribuição:

Gráfico 6 – Distribuição global do tempo de intervenção



Este gráfico evidencia que a maioria do tempo investido se concretizou na preparação e realização das acções de suporte e apoio às escolas, tendo o agrupamento de Beiriz sempre como mediador informado.

6.7. Interpretação

Os dados apresentados são interpretados do seguinte modo:

- i) A UCP teve uma presença muito significativa no terreno, quer a nível de encontros regionais que sempre realizou com a mediação do agrupamento de Beiriz, quer a nível da presença nos próprios agrupamentos quando isso foi considerado pertinente ³.
- ii) A maior parte do tempo investido traduziu-se na realização de acções de formação e de consultoria directa aos agrupamentos.

7. Dados de avaliação das acções

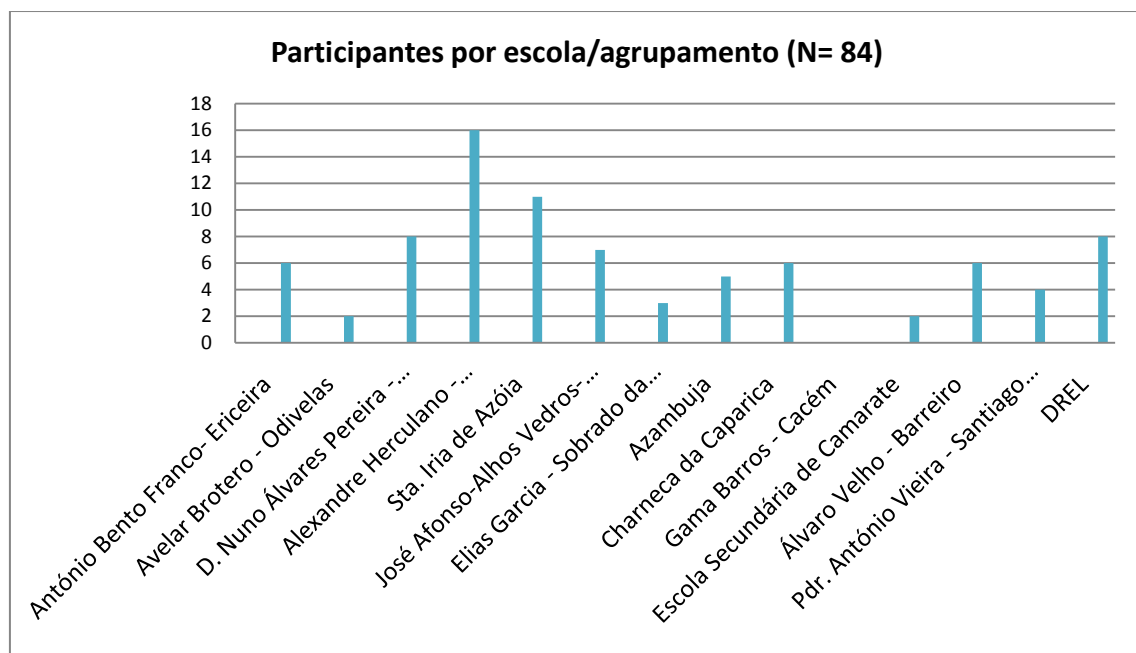
Tendo em vista apresentar uma imagem da avaliação que foi sendo feita ao longo do ano, apresenta-se, seguidamente, os resultados da avaliação realizada

³ Deve referir-se que na acção de planificação, o agrupamento de Beiriz teve sempre a preocupação de ajustar as acções à disponibilização da UCP, e nomeadamente do signatário que, neste primeiro ano, foi o principal elemento de intervenção.

pelos participantes no terceiro ciclo de formação realizado no mês de Abril de 2010 ⁴ (Conferir Anexo I e II).

7.1. Acção de formação Lisboa, Abril de 2010 ⁵

Gráfico 7 – Participantes por escola, acção de formação Lisboa, Abril

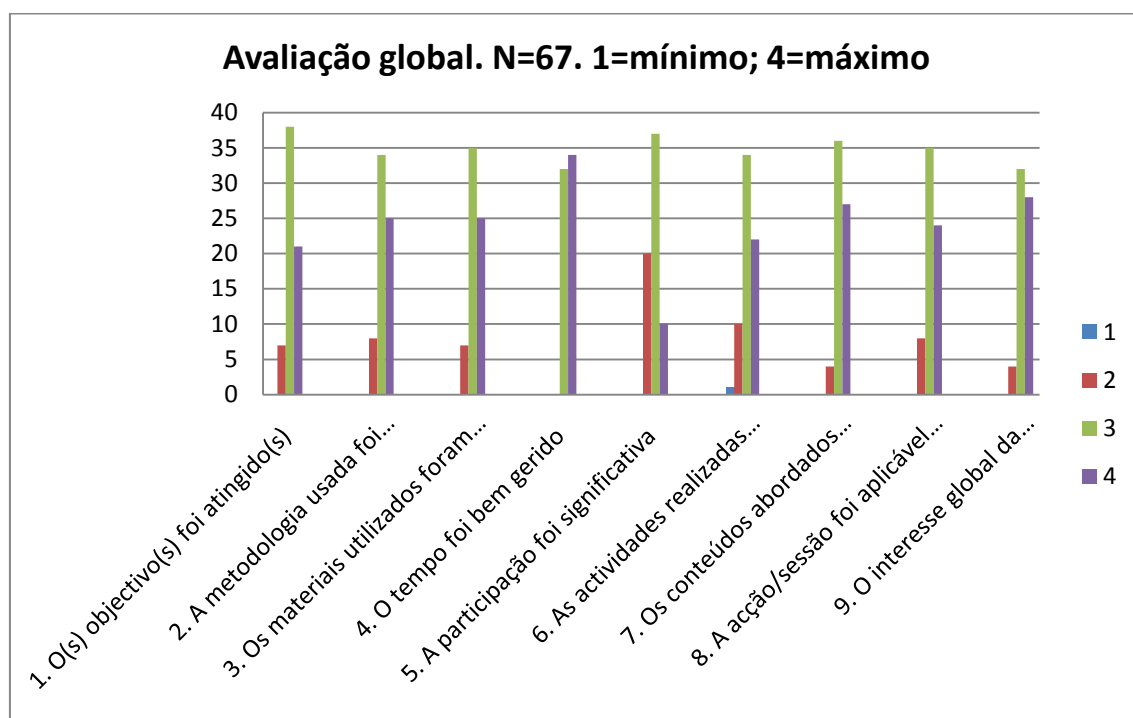


Praticamente todos os agrupamentos participaram nesta acção. Destaque para o agrupamento de Sta Iria da Azóia e Alexandre Herculano que mobilizaram um nº significativo de participantes.

Gráfico 8 – Avaliação da acção de Lisboa, Abril 2010

⁴ Os dados dos restantes seminários apresentam uma configuração similar, pelo que se optou por apresentar apenas os dados referentes à última série.

⁵ A ficha de avaliação está anexa ao presente relatório



Quanto à avaliação da acção regista-se uma notação claramente positiva em todos os itens, com destaque para o 2, 3, 4, 7 e 9. O interesse global da acção é claramente expressivo, o que evidencia a necessidade das escolas de terem respostas no campo da formação.

Para mim esta acção/sessão foi (escreva como foi)

A avaliação holística dos participantes através de uma pergunta aberta forneceu os seguintes dados:

| |
|--|
| 1. Interessante. |
| 2. Interessante e motivadora. |
| 3. Extremamente útil e interessante. |
| 4. Útil, interessante e muito bem dinamizado. |
| 5. Bastante interessante mas difícil de implementar. |
| 6. A acção foi positiva pelo simples facto de relembrar práticas na sala de aula, de modo a promover a motivação para a aprendizagem. |
| 7. Foi interessante pela reflexão que em mim despoletou. |
| 8. Interessante a nível das sugestões de estratégias mas, pouco conclusiva em relação à organização das redes. |
| 9. Esclarecedora (período da manhã); organizadora (parte da tarde) e motivadora para não desistir de trabalhar em prol de mais sucesso geral e pleno dos alunos (todos). |

| |
|---|
| 10. Importante como paragem e oportunidade para reflectir a prática e não recear inovar, gastar tempo para que os alunos sejam cada vez mais pessoas. |
| 11. Importante, interessante e motivadora. Contribuiu para o meu enriquecimento pessoal. |
| 12. Útil, mas ainda insuficiente. Foi muito geral. |
| 13. Enriquecedora porque me enquadro na filosofia, mas ao mesmo tempo criou alguma decepção quando desvendou toda a carga burocrática e pouco prática inerente à criação da rede. |
| 14. Fundamental para a minha prática pedagógica. |
| 15. Interessante no global. Entendo que a sessão destinada aos docentes do 1º ciclo tinha uma temática que apesar de interessante e actual estava fora do âmbito do projecto e que esses docentes deveriam também ter partilhado a sessão "construção de comunidades de prática" sobre redes de cooperação. |
| 16. Positiva, permitiu troca de experiências e sobretudo fez passar a mensagem da valorização do trabalho, tanto do nosso como o dos alunos. |
| 17. Mais um momento de reflexão, partilha e aprendizagem. |
| 18. Útil e motivadora. |
| 19. Benéfica e útil. |
| 20. Útil, embora a parte dedicada às redes não tenha sido suficientemente esclarecedora. |
| 21. Útil porque permitiu o esclarecimento de dúvidas e nos lembrou do papel da sensibilidade do docente no processo ensino-aprendizagem |
| 22. Mais interessante no turno da manhã. |
| 23. Esclarecedora, útil e revelou a preocupação que existe com os nossos alunos. |
| 24. Uma mais valia para o meu enriquecimento profissional e enriquecimento como pessoa. |
| 25. Um momento de auto e hetero-reflexão. |
| 26. Interessante e motivadora. |
| 27. Para mim esta sessão foi um lembrar de conteúdos já esquecidos e pouco colocados em prática, dando motivação a uma nova prática mais abrangente e elaborada. |
| 28. Interessante por levantar algumas questões sobre as quais é importante pensar. |
| 29. Uma partilha de ideias e estratégias que servem de auxilio na prática pedagógica. |
| 30. Um momento de reflexão para reavivar estratégias de aprendizagem; como adquirir outros exemplos a seguir. |
| 31. Interessante e esclarecedora. Motivou. |
| 32. Foi esclarecedora. |
| 33. Muito oportuna e estimulante. |

Dos 67 respondentes, 33 expressaram uma avaliação qualitativa claramente positiva do encontro.

Observações, comentários e sugestões

Em termos de observações, comentários e sugestões, recolheram-se os seguintes:

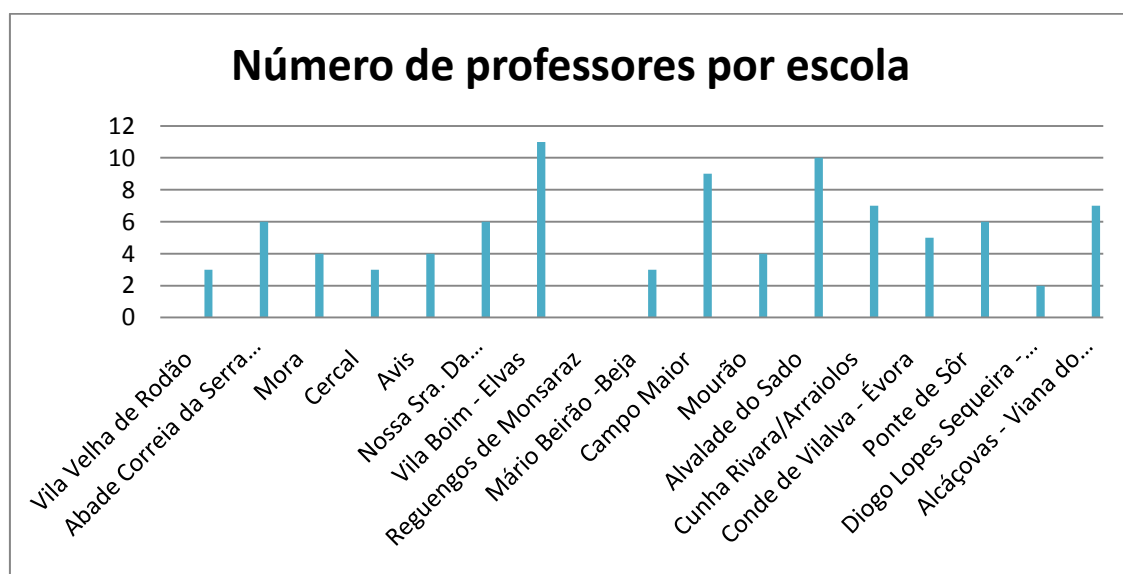
| | |
|----|--|
| 1 | Penso ser importante tornar estas acções de formação "acreditadas". |
| 2 | Deveria ser acreditada. |
| 3 | Destaco como ponto central: o excelente formador e o à vontade, e pleno domínio dos conceitos abordados. |
| 4 | Excelente formador. Parabéns! |
| 5 | A acção sobre "Leitura e escrita" poderia também ter incidido nas dificuldades na aprendizagem da mecanização da leitura e escrita e não só na escrita criativa. |
| 6 | Comentário sobre o ponto 4 "O tempo foi bem gerido": Sim. Desde que começou, mas começou bastante atrasado (10h25); às 9h40 ainda não havia ninguém na recepção aos participantes (marcado para as 9h30). |
| 7 | Era necessária formação especializada de aplicação prática nas várias disciplinas (em cada uma delas, em formação com destinatários diferentes, em separado). |
| 8 | Penso que o projecto deve estar directamente ligado às práticas, e todo o tempo dispendido nas escolas deve estar direccionado para a aplicação de experiências em contexto de sala de aula. O grupo de trabalho surge como algo um pouco confuso e que vai ter uma carga acrescida ou impossível de acrescentar à sua carga lectiva. Estou motivada e aplico algumas práticas, mas recuso trabalho supérfluo que tirem tempo para planear práticas. |
| 9 | Este tipo de formação deveria ser aplicada a um maior nº de docentes, para que estes possam melhorar as suas práticas educativas e promover o sucesso. |
| 10 | Faltou uma troca de experiências reais ao nível de ensino/aprendizagem. Faltou uma troca de exemplos de sucesso/insucesso do projecto Fénix entre as Escolas/Agrupamento presentes. |
| 11 | Faltou abordar experiências de ensino/aprendizagem nas turmas do projecto Fénix. |
| 12 | Como é possível que se "exija" que as outras disciplinas, que não usufruem directamente do projecto, obtenham igual progresso? Não se trata apenas de -----? a interpretação. |
| 13 | Foi um bom momento de reflexão. Ficaram em aberto questões específicas como era inevitável devido à abundâncias dos temas e à limitação do tempo. |
| 14 | Tratar do tema "Avaliação". |
| 15 | Uma nova formação onde haja uma troca de experiências reais no processo ensino/aprendizagem. |
| 16 | Muito positiva. |
| 17 | Muito positiva. |
| 18 | Levo muita matéria por "ruminar", muitos desafios para ensaiar com os alunos e por inovar a minha forma de estar, ensinar, desafiar a ir mais longe com confiança nos impossíveis possíveis. |
| 19 | É necessário clarificar o papel da Escola, oficializar esse papel e dotar os agentes dos meios necessários para o cumprir. Estabelecida a base... |
| 20 | O balanço foi muito positivo embora as questões e dificuldades sejam muitas; as "dicas" foram úteis mas persistem aspectos organizacionais que nos transcendem. |

| | |
|----|--|
| 21 | Será que devemos fazer tudo por um aluno, será que não se deve permitir que o aluno erre e perceba o seu erro, assumindo as consequências dele? Uma vez que se vive em sociedade não serão as consequências do erro/fracasso indicadores para o sucesso de outros? |
| 22 | Muito útil. Não chegou ainda a tantos professores quanto seria desejável. Repetir a formação para professores diferentes, das mesmas escolas. |
| 23 | Entendo que uma escola que tenha o Projecto + Sucesso em 2 níveis (ex: 7º e 8º) e que só consiga alcançar a meta estabelecida no contrato num destes anos, não deveria perder o projecto. Deveria ser dada a oportunidade mais um ano a estes alunos. |
| 24 | "Balanço da Jornada" - Professor como Modelo - Professor é um ser humano com história, uma história de vida, também como aluno, provavelmente sem ter tido um modelo. Professor, cuja auto-estima, motivações, também não estão muito bem. Hoje, tudo isso foi dito. Falou-se essencialmente do ser, acreditar em todos os seres humanos, que todos têm possibilidade de SER. Não julgar. Dar sentido às aprendizagens, dar sentido à vida, criar motivação intrínseca. A motivação externa a nós faz-nos dependentes. O professor tem que fazer com que o aluno aprenda, seja autónomo, deixe de precisar dele. Este trabalho, esta jornada, este projecto, faz um pouco mais do que aquilo que já existe. Propõe a mudança, propõe que se faça o click. Obrigada. |

A acreditação das acções (que importará planificar no início do próximo ano) é uma das sugestões muito pertinentes; os critérios de sucesso do projecto (mais tempo, análise longitudinal do sucesso) é outra questão que parece relevante; alargar o *círculo* da formação a mais professores, reforço da partilha de experiências são alguns dos sentidos a reter.

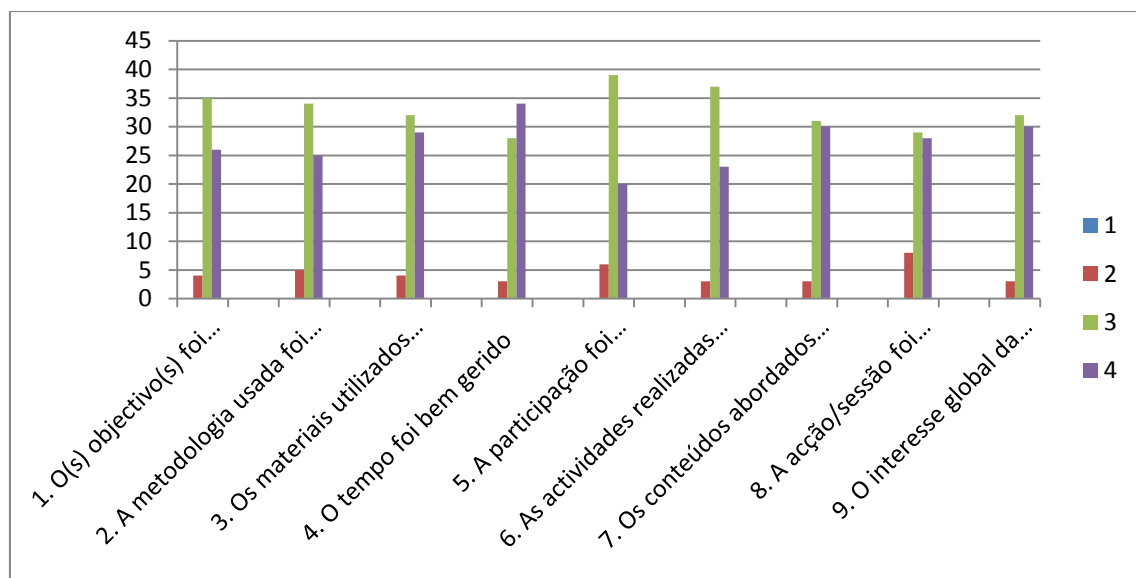
7.2. Acção de formação Évora, Abril de 2010

Gráfico 9 – Número de professores por escola, acção de Évora, Abril 2010



A frequência de professores/escola ⁶ é elucidativa, não sendo necessário tecer mais comentários. Excepto em relação ao agrupamento de Reguengos de Monsaraz que sempre explicitamente enunciou que não se enquadrava na matriz do projecto Fénix e, por isso, teve sempre uma presença nula ⁷.

Gráfico 10 – Avaliação da acção de Évora, Abril 2010



Tal como na acção anterior, a percepção dos participantes foi claramente positiva, seguindo um perfil de resposta idêntico.

Para mim esta acção/sessão foi (escreva como foi)

O registo qualitativo segue também um sentido francamente positivo, revelando que os professores participantes parecem *sequiosos* destes momentos.

| | |
|---|--|
| 1 | Um avanço para a implementação do Projecto Fénix nas escolas "despertando" para determinados pontos e/ou assuntos pertinentes. |
| 2 | Bastante construtiva. |
| 3 | Um despertar para repensarmos o nosso próprio estímulo e motivação, cativando e aumentando a auto-estima dos nossos alunos. |
| 4 | Um "re-despertar" de metodologias e vontade de fazer e experimentar. Um espaço de partilha de experiência. |

⁶ Sempre que se refere, deve ler-se agrupamento.

⁷ Mesmo quando se realizou uma acção de monitorização na escola – envolvendo 3 escolas próximas – o agrupamento anfitrião primou pela ausência, alegando que não tinha nada a ver com a “ideologia pedagógico do projecto”.

| | |
|----|--|
| 5 | Importante, esta reflexão sobre as práticas educativas. |
| 6 | Bastante interessante e produtiva pois proporcionou momentos de reflexão e partilha entre os professores dos diferentes ciclos que estão envolvidos no Projecto Fénix. Sessões destas são sempre importantes para nos fazerem reflectir e motivar. |
| 7 | Dinamizada de uma forma muito positiva. |
| 8 | Interessante e elucidativa. |
| 9 | Interessante e útil. |
| 10 | Foi dinâmica e útil. |
| 11 | Apesar de interessante, não foi direccionada especialmente para a minha área(Ed. Física). |
| 12 | Clarificou as minhas dúvidas, embora tivesse criado outras. |
| 13 | Esclarecedor em muitos pontos. |
| 14 | Interessante. |
| 15 | Esclarecedora. |
| 16 | Interessante e esclarecedora. |
| 17 | Pertinente e no "tempo" certo |
| 18 | Um momento de crescimento interior como educadora, e como pessoa apaixonada pelo ensino. |
| 19 | Um revelar de surpresa e interesse por parte do formador. Assim, aprender compensa! |
| 20 | Muito útil, embora se fosse agendada para o arranque do ano lectivo tivesse sido esclarecedora para as escolas/docentes, inseridos no Projecto Fénix. |
| 21 | Muito útil para a prática docente. |
| 22 | Esclarecedora, motivadora e oportuna. |
| 23 | Interessante, útil e motivadora. |
| 24 | Bastante positiva. |
| 25 | Positiva e motivadora. |
| 26 | O reforçar de muitos conceitos da prática comum, com alguns aspectos particulares inovadores. |
| 27 | Demasiado oral. Pouco interventiva. |
| 28 | Muito interessante |
| 29 | Interessante, elucidativa, mas penso que devo frequentar outras a fim de aferir outros conhecimentos. |
| 30 | Interessante, mas podia ter havido mais partilha de experiências. |
| 31 | Uma boa actualização; um revigorar; uma "iluminação" |
| 32 | Dinâmica, intensa, estimulante e motivadora. |
| 33 | ...o carregar de baterias para os próximos tempos. |
| 34 | Foi esclarecedora. No entanto, poderia ter havido mais debate relativamente a variadas situações, como por exemplo, no vídeo "O Ponto", pois nem todos os alunos reagem como a "Vera". |
| 35 | Foi esclarecedora e estimulou a novas actividades e práticas educativas. |
| 36 | Reflexiva. Construtora/reconstrutora do ser professor. |
| 37 | Muito útil. |

Estes 37 depoimentos confirmam – quase todos – a qualidade do encontro, percebido como um momento alto da intervenção no projecto.

Observações, comentários e sugestões

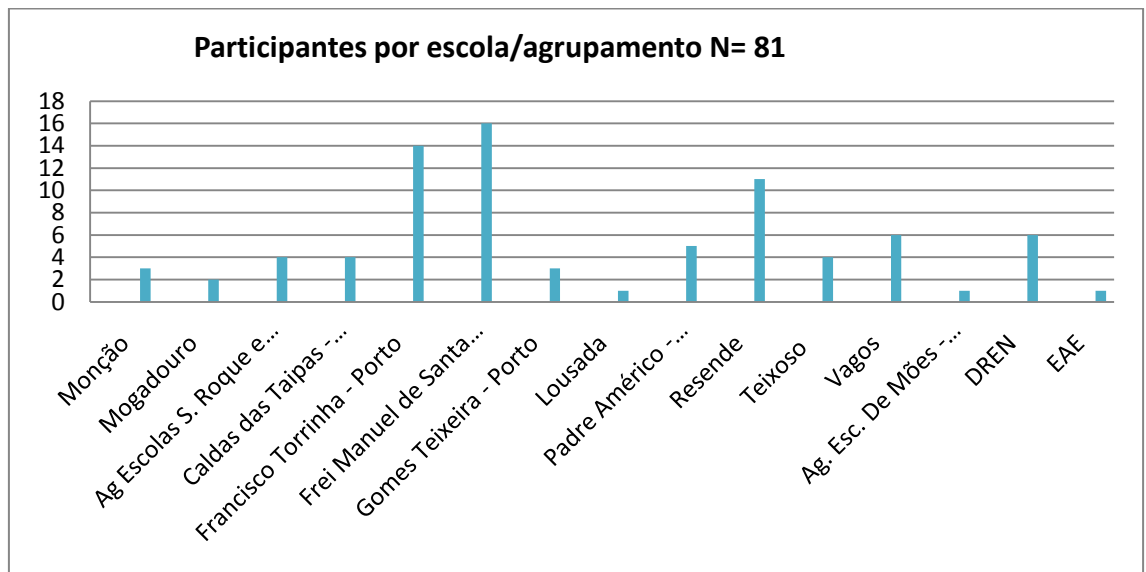
Neste campo, registou-se o seguinte:

| | |
|----|--|
| 1 | Caso as redes venham a ser implementadas, deveria haver uma formação prévia para os coordenadores das mesmas. |
| 2 | A formação deve ser acreditada, pois seria um grande incentivo. |
| 3 | Repetir esta formação, mas de uma forma prática |
| 4 | Repetir esta formação em grupos de trabalho mais pequenos. |
| 5 | Promoção de mais sessões deste género. |
| 6 | Promover maior feedback dos professores. |
| 7 | A parte da manhã foi muito proveitosa e bem gerida. Bem haja professor Matias Alves. |
| 8 | Era pertinente mais sessões de formação deste tipo e de carácter mais específico; exemplo: "Boas práticas nos Grupos Ninho" |
| 9 | Faltou tempo para mais acção, daí a nota dissonante no ponto da metodologia. |
| 10 | Falta de situações práticas em contexto de sala de aula. |
| 11 | Gostei muito. |
| 12 | Fazer uma sessão sobre avaliação. É urgente responder aos professores como lidar com a "ditadura do programa", agora ainda por cima refugiados nas anualizações. GERIR - tem 1 significado muito lato. |

Para além da acreditação, já referida, a sugestão de formação mais prática em grupos mais pequenos e referência à importância da formação em avaliação.

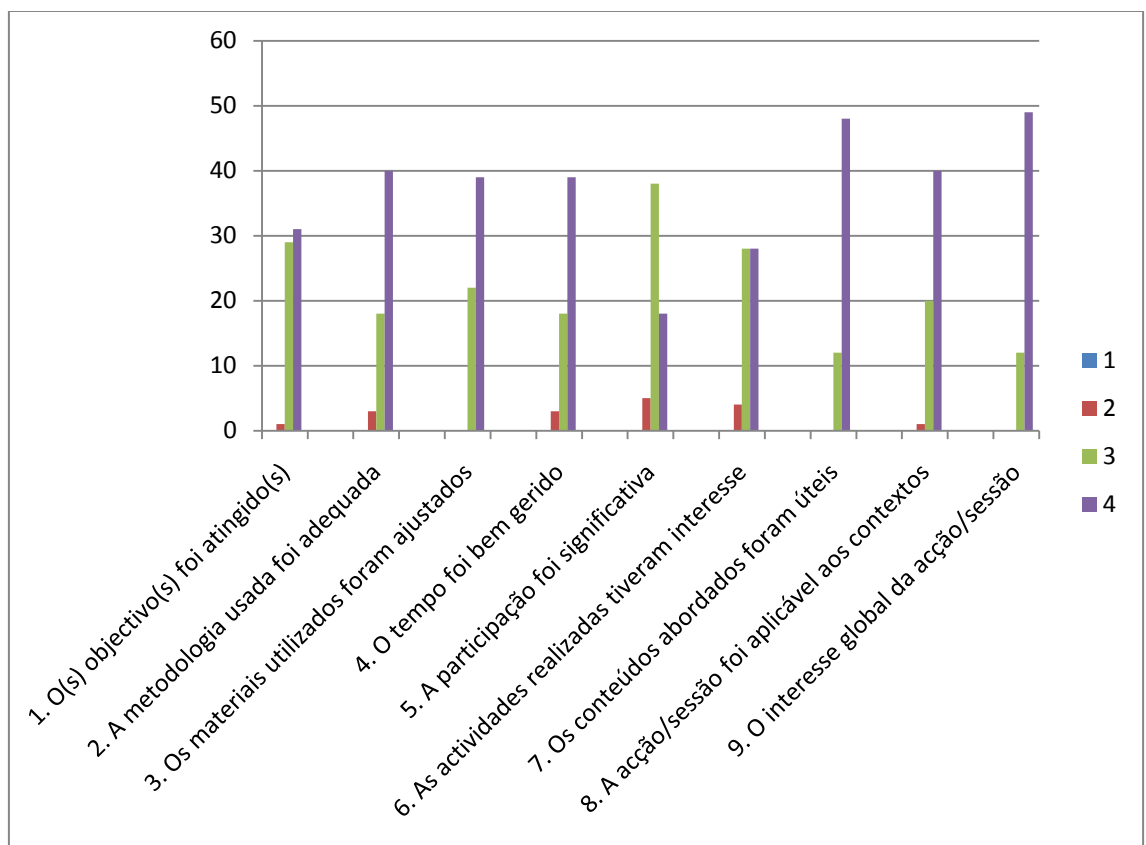
7.3. Acção de formação Porto, Abril de 2010 (reunindo rede norte e centro)

Gráfico 11 – Participantes por escola/agrupamento, acção do Porto, Abril de 2010



Dados que falam por si. Todas as escolas presentes.

Gráfico 12 – Avaliação encontro do Porto, Abril de 2010



Dos 3 encontros, este foi o que registou notações mais positivas. Sendo o programa o mesmo, isto deve-se ao facto dos formadores estarem mais

inspirados, ou ao facto dos destinatários terem valorizado mais intensamente a acção.

Para mim esta acção/sessão foi (escreva como foi)

O registo qualitativo forneceu os seguintes sentidos:

| |
|---|
| 1. Muito proveitoso, porquanto conseguiu gerar nos professores envolvidos no Projecto, dinâmicas de actuação no presente e no futuro. |
| 2. Um momento de reflexão sobre o(s) sentido(s) para a Escola, no contexto social/cultural. |
| 3. Importante na dinâmica de envolvimento criada; ressalto também, a forma adjectiva como o Formador aborda o Projecto. |
| 4. Muito interessante, no entanto julgo "curta" em termos de tempo. |
| 5. Importante para o desenvolvimento da dinâmica do Projecto Fénix. |
| 6. Interessante. Ajudou a repensar a minha prática. |
| 7. Foi bastante útil na medida em que reflecti/questionei um pouco sobre as estratégias de ensino. |
| 8. Enriquecedora e motivadora. Simultaneamente, provocou-me algum "conflito" que levo comigo como mobilizador de e para novas reflexões e novas práticas. |
| 9. Um momento de partilha e de reflexão acerca de preocupações, constrangimentos e desafios que acompanham o dia a dia da vida de professores e alunos. Um reforço de convicções pessoais e uma motivação para continuar a evoluir profissionalmente e ajudar a evoluir os meus alunos. |
| 10. Interessante e levará à reflexão. |
| 11. Esclarecedora quanto à filosofia de base do Projecto Fénix. |
| 12. Boa apesar de que os exames - e estes não são feitos por nós, os exames apenas medem um saber teórico nada tem de subjectivo nem as atitudes são valorizadas. |
| 13. Foi positiva. Devia haver mais vezes essencialmente no início do ano. Também a DREN terá que intervir tomando uma posição mais activa. Em todas as reuniões nunca se ouve a voz da DREN. Não pode a DREN estar numa posição sempre passiva. Deve dizer se estão com vontade de evoluir no sentido de incluir outros parâmetros nos exames, e pedir outro tipo de critérios de avaliação. Temos que criar outra geração de professores que estes com o ensino que tiveram estão todos com a auto-estima muito baixa. |
| 14. Interessante. |
| 15. Foi útil. |
| 16. Um momento de partilha , de reflexão e cima de tudo uma motivação para continuar o "nosso" trabalho com exemplo e dedicação. |
| 17. Interessante, principalmente da parte da manhã. |
| 18. enriquecedora. |
| 19. Interessante. |
| 20. Interessante na parte da partilha e da comunicação. |

| |
|---|
| 21. Foi mais uma vez um momento importante para a partilha e troca de ideias e sentir que não sou a única a olhar o céu (acreditar nos alunos). Obrigada. |
| 22. Como outra acção em que tive oportunidade de participar, um momento de partilha de experiências, de busca de estratégias e de avaliação das motivações que, certamente, vão dar frutos no dia-a-dia com os nossos alunos. Muito obrigada. |
| 23. Interessante, mas deveria ter sido realizada uma abordagem, ainda mais específica, no que respeita às estratégias e medidas a adoptar no processo ensino-aprendizagem, no sentido de partilhar e melhorar as práticas pedagógicas, em concreto. |
| 24. "Uma lufada de ar fresco" para me ajudar no dia a dia na escola onde as dificuldades surgem como as pedras no caminho, onde nós menos contamos. |
| 25. "Uma brisa de vento que precisamos para nos refrescar" |
| 26. Sr. José Matias, Um ser humano consciente é aquele que sabe que é um criador. Estou grata por ter usufruído da oportunidade de partilhar desse seu "poder". Sinto que estamos no bom caminho e que a luz no fundo do túnel se chama "Esperança"... esperança de um mundo melhor que começa aqui e agora com o jovens...adulto de amanhã. Trata-se de crer para ver! |
| 27. Muito interessante, tendo em conta que abordou temas muito pertinentes, nomeadamente o da liderança e da motivação que têm, na minha opinião, um papel fulcral na construção do ser e conhecimento, na promoção de valores e atitudes. |
| 28. Aberta a todos os participantes. Necessária para consolidação de um grupo. Inovadora no plano do ensino básico. |
| 29. Fundamental para reflectir sobre a minha motivação em diversas aulas. A sessão foi muito bem conduzida pelo professor Matias Alves, sendo os temas abordados muito bem escolhidos. |
| 30. Esta acção/sessão foi interessante porque foram dadas sugestões para aplicar em contexto de sala de aula. |
| 31. Pouco prática. |
| 32. Boa. A melhor parte é partilhar e comunicar com outras escolas. |
| 33. Bem estruturada, dinâmica e interessante |
| 34. Interessante e enriquecedora na medida em que me elucidou sobre o Projecto Fénix, uma vez que, há apenas 15 dias, tive conhecimento deste. |
| 35. Gratificante pois permitiu fazer reflexões sobre o Projecto Fénix e os pressupostos. |
| 36. Muito útil pois contribuiu para o reforço da minha motivação. |
| 37. Motivadora. |
| 38. Um momento de formação e reflexão sobre, principalmente, diferenciação pedagógica. |
| 39. Portadora de reflexão e debate. |
| 40. Esclarecedora, motivadora, alertadora. |
| 41. Útil e proveitosa, tendo abordado problemas actuais e temas pertinentes e oportunos. |
| 42. Óptima no sentido em que nos proporcionou um momento de reflexão sobre as estratégias de ensino, aprendizagem e avaliação. Por outro lado a capacidade comunicativa do Prof. Matias Alves permite-nos abrir horizontes na nossa actividade de professores; estimular-nos para a pedagogia da diversificação e da diferenciação - |

| |
|--|
| o novo modelo didáctico que conduz ao sucesso. |
| 43. Esclarecedora sobre a importância do ensino diferenciado, que não é inovadora, embora pouco aplicada nas escolas. Talvez se deva este facto à falta de exemplos práticos e à partilha de experiências. Proporcionou uma boa reflexão sobre o ensino hoje em dia. |
| 44. Produtiva no sentido de cimentar ainda mais o que tenho vindo, tal como os meus colegas do agrupamento, a desenvolver ao longo do presente ano lectivo. Levo daqui novas ideias, que num futuro próximo, partilharei com outros colegas. |
| 45. Interessante, embora tenha decorrido numa fase de muito trabalho nas escolas. Ou seja, de manhã, não leccionei aulas previstas e que muita falta me fizeram (farão). |

Praticamente nada a acrescentar.

Observações, comentários e sugestões

No campo das sugestões e comentários:

| |
|--|
| 1. Agradecer a forma simpática como nos acolheram. |
| 2. Considero que o tema "Redes de cooperação - Construção de comunidades de prática" devia ter sido alargada ao 1º ciclo. |
| 3. A acção deveria ser creditada pois envolve a presença do professor num longo período. Podia ser incluída uma exemplificação com matérias usáveis em sala de aula. |
| 4. O professor deve dirigir-se também ao Ministério. É difícil mudar mentalidades. Deve-se mudar o plano de estudos nas faculdades, havendo um ensino mais prático e não haver apenas aulas teóricas que em nada abonam aquilo que aqui ouvimos. Também o elemento da DREN se deve pronunciar não se remetendo sempre ao silêncio. E o tempo das aulas teóricas - 90min? será adequado à faixa etária dos alunos?? Miúdos com 10 - 11 anos terem 90 min de História/Português/etc...quando os Psicólogos dizem que estes têm concentração durante 20 min.?! Porque não são aceites outros planos de estudos? Porque as pessoas da DREN, eles próprios não fazem manuais com diferentes critérios, com diferentes parâmetros em vez de esperem que alguém faça para depois dizerem que não estão de acordo? O próprio professor Matias poderia fazer um tipo de material de apoio para nós nos guiarmos. Para introduzirmos nas nossas aulas algo de concreto e não uma ideia aqui e outra acolá que nós nem sabemos como aplicá-las? |
| 5. Deveria haver outras acções sobre estratégias de aprendizagem e ensino. |
| 6. Deve haver, ainda mais, debate de forma a fomentar mais partilha de experiências. |
| 7. A implementação das redes deve ser orientada e acompanhada a partir da equipa coordenadora do projecto. |

| |
|--|
| 8. Criar grupos de trabalho onde se fomente o trabalho colaborativo, criando uma dinâmica de acção que "obrigue" os presentes a participar, primeiro, num grupo restrito, seguido de grupos mais alargados. Desta forma, penso que se enriqueceria o debate. |
| 9. A sessão foi um bocado expositiva, mas os assuntos eram deveras interessantes. Para o futuro, poderíamos trabalhar em grupos mais pequenos, para podermos partilhar mais. |
| 10. Mais formação, mais variada, maior troca de experiências, creditada. Maior proximidade entre os professores das mesmas áreas de docência. |
| 11. Uma vez li uma frase que poderia muito bem estar pendurada nesta acção: "O Universo não é feito de matéria, é sim feito de ...música!" Obrigado por estar no encaço da evolução! |
| 12. Promover, no maior número de escolas possível, discussões sobre os temas em questão, visto apresentarem-se como condição sine qua non para o sucesso educativo. |
| 13. A quando da partilha de matrizes de avaliação, considero que devem, em vez de uma, várias por escola baseadas nos diferentes perfis Psicológicos dos alunos. Problema levantado por um participante relativo a ser apontada determinada escola por avaliações demasiado fáceis para o nível de ensino. |
| 14. Deveriam realizar-se mais acções/sessões no âmbito de motivar para aprender. |
| 15. Sugiro a formação com mais do que um formador. A reflexão em pequenos grupos e partilhada a seguir, parece-me mais proveitosa. |
| 16. Só um orador torna-se cansativo, para ele e para nós. Deveria ser mais dinâmica e com mais conteúdo. |
| 17. Os exemplos foram pertinentes, interessantes, práticos e bem enquadrados no tema considerado. |
| 18. O Formador tem uma óptima capacidade de nos prender ao seu discurso. Deu-me vontade de voltar aos bancos da faculdade. Bem Haja. |
| 19. Estas reuniões são importantes pois permitem a partilha de experiências. |
| 20. Sessões como esta deviam ser certificadas. Além disso, deveriam ser agendadas com mais antecedência e de modo a não prejudicarem as práticas lectivas dos professores - talvez nos inícios dos períodos lectivos. A sugestão de uma rede Fénix poderá ser positiva se estiver previsto um horário de trabalho adequado para os professores pertencentes ao projecto. |
| 21. Deveriam haver mais acções de formação ao longo do ano (de preferência creditadas) |

22. Seria justo certificarem-se estas acções: tornariam mais credível o projecto em causa; são um direito do formador; valorizariam mais a função/carreira docente, já muito descredibilizada. Em relação aos projectos das redes, julgo que cada escola decidirá se está em condições ou não para avançar já. Contudo, as escolas que avançarem já ou quando o decidirem fazer, deverão ter em conta os horários de trabalho dos docentes (ou seja, contactos on-line, reuniões, formação, elaboração de materiais, outro tipo de contactos e iniciativas deverão ter lugar no horário do docente), preparar os docentes através de acções de formação creditadas (ao nível das TIC, das Ciências da Educação, por exemplo) e evitar perdas de tempo com aspectos supérfluos (excesso de reuniões, de burocracia em papel, percentagem, etc.).

Os comentários também falam por si.

7.4. Seminário Nacional Mais Sucesso Fénix – 15 de Julho (Anexo III)

Tendo como objectivos

- i) Realizar um primeiro balanço do 1º ano do projecto Mais Sucesso/Fénix
- ii) Partilhar experiências e analisar pontos fortes, pontos fracos, ameaças e oportunidades
- iii) Identificar os factores geradores de boas práticas

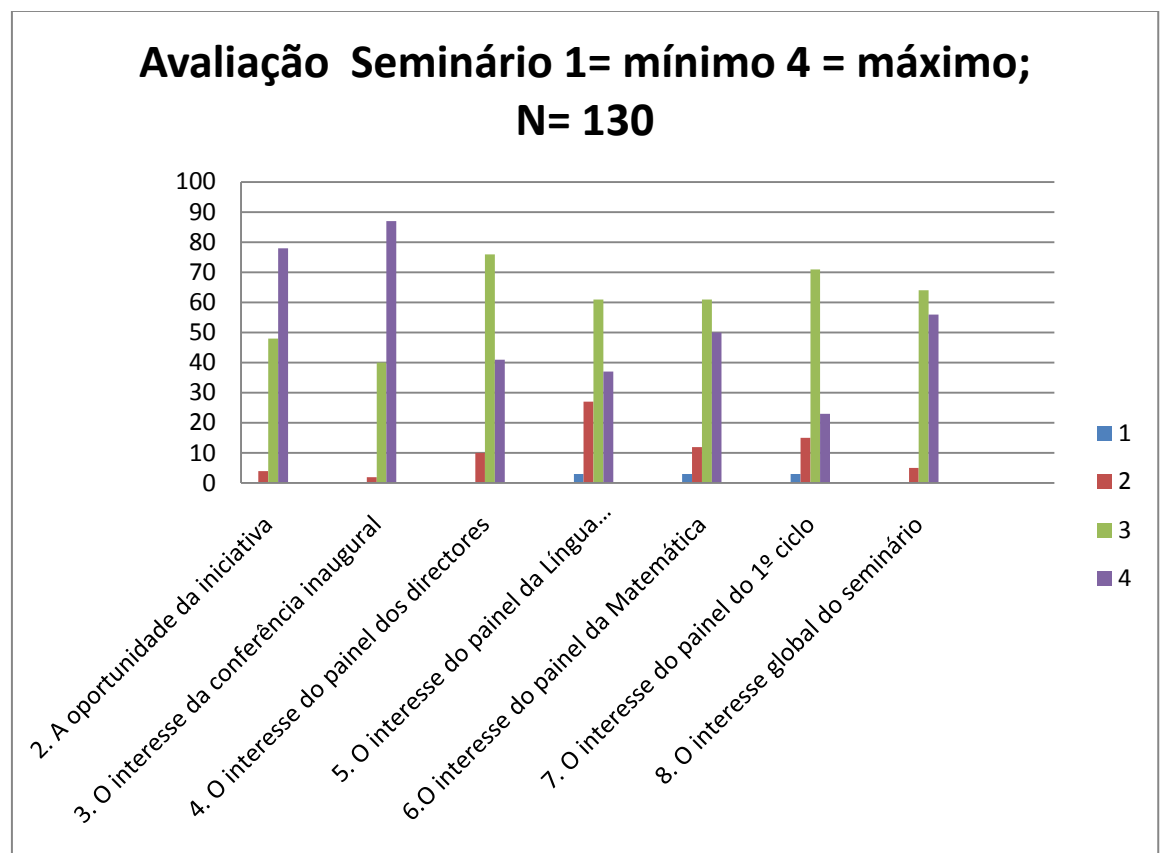
realizou-se em Lisboa na UCP o seminário em epígrafe, que vinha sendo preparado em articulação com o agrupamento de Beiriz desde Abril de 2010.

O programa foi divulgado no site da FEP-UCP em meados de Junho e através da mediação de Beiriz chegou a toda a rede Fénix. A lotação do auditório (401) foi completamente esgotada, tendo sido recusadas todas as inscrições não pertencentes à rede (cerca de 30) e admitidas cerca de 460 inscrições, mais cerca de 27 convidados. A vontade deliberada de não excluir ninguém ligado ao projecto levou à utilização do sistema vídeo e à colocação no hall do auditório de cerca de 60 cadeiras.

A forte procura de participação é desde logo um indicador de elevado sucesso expectável da iniciativa e uma justificação da sua oportunidade, não obstante os constrangimentos temporais.

Ao dados de avaliação recolhidos através de ficha anónima (anexo IV) são os seguintes:

Gráfico 13 – Avaliação do seminário nacional, Lisboa, Julho 2010



Os dados permitem sublinhar ⁸:

- a) A oportunidade da iniciativa, não obstante ser 15 de Julho, numa altura de final de ano. De qualquer modo, sendo o objectivo fazer um balanço do 1º primeiro ano dificilmente se poderia fazer numa outra altura;
- b) O grande interesse da conferência inaugural;
- c) O interesse do painel de matemática (o segundo da tarde), podendo também ter contribuído o estilo de moderação introduzido pelo prof Arsélio Martins;
- d) O evidente interesse da iniciativa.

Para mim esta acção foi (escreva como foi)

Em termos qualitativos, os participantes

⁸ Os dados reportam-se aos respondentes – 130. Os participantes foram cerca de 460 (inscritos e convidados). A taxa de resposta é relativamente baixa e deve-se, provavelmente, ao facto dos participantes acusarem algum cansaço resultante de um programa extenso.

expressaram os seguintes juízos avaliativos:

| |
|--|
| 1. Pouco inovadora. Dedicou-se pouco espaço à discussão/debate. Estava à espera de retirar e recolher estratégias mais apelativas e diferentes (excepção feita à intervenção da Coord. Mat. - Beiriz) |
| 2. Gostei bastante da intervenção do Prof. Roberto Carneiro. As restantes não trouxeram nada de novo. |
| 3. Muito boa, uma vez que foram apresentados os resultados, estratégias e motivações dos vários intervenientes do processo. |
| 4. Divulgação e troca de experiências em relação ao projecto Fénix. |
| 5. A escola de Beiriz, nos diferentes painéis, não respeitou o tempo dos restantes colegas de mesa. É pena! Os outros também têm bons exemplos para apresentar e não tiveram essa oportunidade. |
| 6. Muito importante. |
| 7. "Juntos venceremos". |
| 8. Enriquecedora. |
| 9. Globalmente interessante. |
| 10. Interessante mas o painel de LP deveria ter apresentado mais casos práticos. Os moderadores têm de fazer uma gestão mais criteriosa do tempo. |
| 11. Foi muito esclarecedora e levou-me a reflectir acerca das práticas por mim aplicadas até hoje. Mexeu no bichinho e despertou a vontade de reunir um grupo de colegas e operacionalizar estratégias a aplicar no ano lectivo que se avizinha. |
| 12. Interessante, pois não conhecia o projecto. |
| 13. Esta acção foi bastante importante devido à partilha de experiências e práticas pedagógicas diferenciadas que também me podem ser úteis na minha prática lectiva. |
| 14. Esta acção foi proveitosa, contudo algumas apresentações foram demasiadamente longas e repetitivas. |
| 15. Bastante elucidativa do sucesso deste projecto; da enorme dedicação de todas os intervenientes e da dinâmica que criou nas Escolas a fim de proporcionar "Mais Sucesso" aos alunos. |
| 16. Pouco inovadora. Não acrescentou novas informações estratégicas havendo pouco espaço para debates. |
| 17. Muito interessante e motivadora para todos os professores envolvidos no projecto. |
| 18. Bastante positiva, pois é sempre gratificante a partilha de novas práticas pedagógicas. |
| 19. Esclarecedora ou seja, houve partilha de experiências diversificadas, o que permitiu consolidar o meu conhecimento acerca do projecto, assim como sugeriu novas abordagens. |
| 20. Um pouco repetitiva. |
| 21. Pertinente. |
| 22. Repetitiva. |
| 23. Fundamental para se partilharem experiências. |
| 24. Uma boa oportunidade para conhecer a diversidade de concretizações de um mesmo projecto. |
| 25. Da parte da tarde, muito repetitiva. |

| |
|--|
| 26. Um pouco repetitiva. |
| 27. Uma forma de conhecer a aplicação do projecto noutras escolas. |
| 28. Razoável, uma vez que esperava ver mais informações ligadas à prática pedagógica em contexto de sala de aula. Existia demasiada contextualização e teoria. |
| 29. Elucidativa mas muito repetitiva relativamente às apresentações. |
| 30. A acção sensibilizou-me essencialmente nas práticas pedagógicas e a sua partilha. |
| 31. Inspiradora e educativa. |
| 32. A acção sensibilizou-me crucialmente, para a importância dos valores nas práticas pedagógicas e para a partilha dessas práticas. |
| 33. Mais uma vez a acção foi uma mais-valia na minha formação como professora. |
| 34. Interessante, no entanto muito repetitiva no que diz respeito aos painéis e aos assuntos abordados pelos oradores desses painéis. |
| 35. Interessante , no entanto ficou muita coisa por definir e algumas dúvidas em relação ao projecto Fénix em certas escolas. |
| 36. Foi interessante como partilha de experiências, dando a conhecer práticas dos vários Agrupamentos. |
| 37. Uma lista de exemplos estanques de práticas, sem tempo para partilha.... |
| 38. Positiva pois podemos constatar os projectos desenvolvidos em diferentes escolas e, conseqüentemente, tirarmos as nossas dúvidas em relação a algumas actividades desenvolvidas na nossa escola. |
| 39. Interessante, motivadora e enriquecedora. |
| 40. Enriquecedora principalmente no que diz respeito à conferência do Eng.º Roberto Carneiro. |
| 41. Importante, útil, embora longa. Ouvir os outros é interessante e trocar ideias é fundamental. |
| 42. Interessante na medida em que contactei com várias metodologias na concretização de um Projecto com metas/objectivos idênticos. |
| 43. Muito teórica, deveria ter existido efectivamente uma partilha de práticas pedagógicas o que não se verificou. |
| 44. Muito interessante ouvir todos os presentes que se disponibilizaram para apresentarem, do melhor modo possível, as experiências das suas escolas. |
| 45. Um pouco longa de mais. |
| 46. Excelente momento de partilha. |
| 47. A parte da manhã foi muito formadora e interessante. Depois, os painéis foram-se tornando "pouco activos". Os moderadores estiveram muito bem. |
| 48. Decorreu com excelência. Os oradores foram brilhantes: houve rigor, clareza, precisão e simultaneamente leveza na forma como foi apresentada. Foi agradável a participação na mesma. Foi proveitosa e pertinente |
| 49. ...esclarecedora e, principalmente, confortável! |

| |
|---|
| 50. Importante para conhecer a operacionalização do Projecto, bem como os seus pontos fortes na aprendizagem dos alunos. |
| 51. A acção foi um pouco extensa. Deveriam controlar mais o tempo de cada orador. |
| 52. Interessante, no entanto, considero que os painéis das escolas deveriam centrar-se na exposição de como foi aplicado o Projecto e como decorre a organização do mesmo. Não deveriam centrar-se no "eu fiz isto...". |
| 53. Esclarecedora, permitindo a partilha de ideias e experiências com um único objectivo: o sucesso de todos os alunos. |
| 54. Importante, útil, uma partilha de experiências. |
| 55. A acção foi muito "completa", oportuna e interessante. Penso no entanto, no período da tarde o nº de intervenções foi um pouco excessivo (as intervenções tiveram que ser "aceleradas"). |
| 56. Foi um privilégio poder assistir à comunicação do Senhor Professor Roberto Carneiro. |
| 57. Muito interessante saber como correu este Projecto nas mais variadas escolas do país. |
| 58. Uma síntese do trabalho de um ano. |
| 59. Um bocado longa para quem vem de longe e ainda vai ter várias horas de viagem. Roberto Carneiro: Brilhante. |
| 60. Proveitosa em toda a sua globalidade. |
| 61. Útil para abrir novas oportunidades para a reestruturação do Projecto. |
| 62. Gente a mais para um espaço exíguo, quente e com pouca ventilação. |
| 63. Interessante e motivadora para a implementação do Projecto. No entanto, muito cansativa. |
| 64. Interessante e rica. |
| 65. Esclarecedora. |
| 66. Decepcionante porque não houve partilha de boas práticas (que era o que eu pretendia). |
| 67. Enriquecedora e estimulante para a prática pedagógica e implementação de novas estratégias. |
| 68. Por vezes repetitiva no sentido em que muitos dos intervenientes se limitaram a descrever o projecto teoricamente. Quando foram apresentados casos concretos do projecto, o interesse foi maior. A designação " boas práticas" revela-se um pouco desadequada naquelas situações. |
| 69. Importante para a partilha de experiências noutras escolas, bem como saber como decorreu a implementação do projecto (constituição dos ninhos) nas diversas escolas, estratégias, práticas pedagógicas, etc. |
| 70. Lamentar a temperatura da sala. A distribuição dos lugares logo de manhã, deveria ser feita da frente para trás de modo a não ficarem 1 ou 2 ou 3 lugares por ocupar. Tempo dos diferentes oradores foi mal gerido. Intervalo da tarde demasiado cedo. |
| 71. Muita teoria, muito sucesso, poucos exemplos práticos. |
| 72. Muito dinâmica e útil para a partilha de experiências. Foi bastante importante ouvir os directores falarem da forma do funcionamento do projecto nas suas escolas. Por outro lado, considerei relevante a oferta do livro a todos os docentes. |

| |
|---|
| 73. Uma oportunidade de trocas de experiências embora, por vezes, tenha havido alguma tendência para fantasia e fuga à realidade do nosso sistema educativo. Acredito na essência do projecto. Não acredito que sós, sem a ajuda concreta dos nossos governantes (no sentido de diminuir realmente o nº de alunos por turma, oferecer melhores condições de trabalho aos docentes, dar estabilidade aos professores e consequentemente aos alunos, etc.), haja uma real possibilidade de obter melhores resultados "REAIS". |
| 74. Proveitosa pela partilha de experiências desenvolvidas de Norte a Sul do país, nas 47 escolas Fénix. |
| 75. Essencial para esclarecer as dúvidas que tinha relativamente ao projecto e para partilhar e adquirir novas estratégias de aprendizagem. |
| 76. Esclarecedora, embora repetitiva. |
| 77. Muito útil para a partilha de experiências e métodos de trabalho diferenciados. |
| 78. Interessante mas cansativa. Para mim mais do que resultados era importante saber os processos para chegar a esses resultados. |
| 79. Relativamente interessante. |
| 80. Foi elucidativa. |
| 81. Positiva mas poderia ter valorizado ainda mais a pertinência e profundidade do Fénix. |
| 82. Motivadora e muito repetitiva. |
| 83. Interessante na perspectiva do conhecimento do desenvolvimento do projecto Fénix noutros contextos, sejam regionais, sejam estruturais. |
| 84. Bastante proveitosa. |
| 85. Interessante mas em alguns painéis bastante demorada. |
| 86. Positiva. |
| 87. Foi muito extensa. Um programa muito sobrecarregado que criou cansaço na plateia e frustração nos comunicadores sem tempo para apresentar convenientemente as suas comunicações. Uma plateia quase vazia no final. Comentários tipo: agora é o 1º ciclo e eu não tenho nada a ver com isto.!!! |
| 88. Muito interessante (1ª parte); muito maçadora, pouco interessante a parte da tarde. Demasiado expositiva a parte de Boas Práticas e sem introdução de inovação. Todos já conhecemos o Bom que se pratica nas escolas. Só as dificuldades e/ou constrangimentos que se levantaram durante a implementação do projecto, é que gostaria de ouvir comentários. |
| 89. Interessante, embora não tivesse havido espaço para o debate de ideias e colocação de questões. Não houve controlo relativamente ao tempo de apresentação de cada interlocutor. Para além disso, não teria sido necessário um nº muito elevado de convidados, pelo menos para alguns painéis, pois muitas ideias acabaram por ser repetidas pelos vários intervenientes. |
| 90. Muito boa, muito proveitosa, pois além de ter oportunidade de ver/observar novas experiências/estratégias utilizadas pelos vários colegas, poder confrontá-las, reflectir sobre elas e sobre as que eu com o meu grupo de trabalho neste projecto, desenvolvemos na nossa escola e assim melhoramos as mesmas para o próximo ano lectivo. |

Embora se registe heterogeneidade de pontos de vista, há uma convergência na óbvia positividade da iniciativa. A sobrelotação⁹, a extensão do programa aliado à má gestão do tempo de algumas intervenções impediu o debate, residindo aqui o principal ponto crítico.

Observações, comentários e sugestões

Neste campo, o registo do seguinte:

| |
|---|
| 1. O projecto devia ser alargado a mais escolas e deveria haver mais seminários a nível regional: Norte - Centro - Sul. |
| 2. Parece-me importante a existência de debates que estavam programados, mas não foram levados a cabo. Apesar de os painéis serem temáticos, verificou-se que nem sempre o foco das apresentações foi sobre o tema. Não foi respeitado o tempo de apresentação. |
| 3. Painéis com 3 participantes para poderem ser mais aprofundados. Também não se repetiriam parte das apresentações realizadas. |
| 4. Embora estivessem previstos debates, acabaram por não haver o que limitou a participação das escolas presentes. |
| 5. Procurar organizar melhor a intervenção dos participantes, de forma a evitar que vários deles se limitassem a apresentar os objectivos do projecto. As experiências concretas, as soluções encontradas, são bastantes mais importantes. |
| 6. Estes seminários são sempre enriquecedores, pois para além de motivarem, "bebemos" da experiência de outros colegas. |
| 7. Os objectivos des projecto repetiram-se muito nas apresentações. Faltou em parte, ver na prática, como funcionou em casos concretos de aprendizagem. |
| 8. Os oradores deviam verificar suas apresentações antes de iniciarem o discurso (pouca perceptibilidade). |
| 9. Algumas intervenções foram exageradamente longas e específicas da disciplina; alguns diapositivos não eram legíveis. |
| 10. Dinamização de sessões de trabalho nas escolas no sentido de sensibilizar a comunidade para o mesmo. |
| 11. Excelente discurso do Prof. Roberto Carneiro. |
| 12. Os painéis formados por 4 oradores foram demasiado longos, embora interessantes. |
| 13. Articulação entre painéis para não haver repetição de temas. |
| 14. O tempo para apresentação foi muito reduzido. Painéis em simultâneo (L.P./Mat/1º ciclo) para permitir mais tempo e mais partilha. |

⁹ A questão que se colocou foi entre recusar ou aceitar este risco. Foi decidido aceitar o risco que foi minorado com o recurso à colocação de cadeiras no hall. De qualquer modo este sentimento foi agravado pelo facto do ar condicionado ter estado inoperacional o que provocou uma situação de desconforto.

| |
|---|
| 15. Não houve oportunidade de diálogo entre participantes dos diferentes painéis e assembleia. Três painéis simultâneos (L.P./Mat/1º ciclo) permitiam essa possibilidade de maior interação. Painel L.P. - moderação nula e diferente atribuição de tempo para cada participante. |
| 16. Os participantes nos painéis deviam ter em conta o tamanho da letra dos power points para facilitar a leitura. |
| 17. Os participantes nos painéis deviam ter em atenção o tamanho da letra dos power points para mais facilmente ser visualizado por quem está ao fundo da sala. |
| 18. Penso que poderia haver mais partilha das actividades dinamizadas pelas escolas. Muitas limitaram-se a falar da turma ninho, mas o projecto e a sua implementação não foram bem explorados. |
| 19. Deveria ser criado um site com material ligado ao projecto (legislação/avaliação/fichas de trabalho/forum), de modo a existir maior troca de experiências entre escolas. |
| 20. Sugiro que na próxima reunião não haja tantos testemunhos das escolas para melhor se poder gerir o tempo. |
| 21. Julgo que seria mais interessante que os oradores abordassem a sua visão do projecto, mas de uma forma menos mecanizada. |
| 22. Este tipo de seminário não deveria ser tão extenso/prolongado, uma vez que haviam professores de muito longe, com uma viagem cansativa, onde praticamente não dormiram porque saíram muito cedo (3/4h) da madrugada. |
| 23. Deveria existir uma publicação periódica dando a conhecer o projecto nas escolas (Jornal, Periódico, etc.) |
| 24. Demasiado ambiciosa, sem tempo para debate, o que era realmente o mais importante, para troca de experiências e esclarecimentos de dúvidas. Prescindiu-se desse tempo, o que aliás era previsível, infelizmente! |
| 25. Penso que as apresentações foram muito exaustivas, pelo que não se conseguiu fazer debate de ideias, o que, no meu entender, teria sido muito positivo, para podermos trocar ideias entre nós. |
| 26. Menos painéis com escolas ou seleccionar os trabalhos apresentados. |
| 27. Reduzir o nº de horas do seminário; melhorar as condições espaciais e creditar o seminário. |
| 28. Apesar das escolas se terem disponibilizado, penso que há necessidade da organização dizer aos oradores que devem respeitar o tempo e, acima de tudo, apresentarem o essencial , o que a sua escola fez de diferente . Sabendo que todas querem dizer o que fizeram, aconteceram muitas repetições. No entanto, o resultado foi muito positivo. |
| 29. Achei o programa muito extenso. Muitos oradores nos painéis, o que tornou a sessão muito cansativa. Achei que os diversos oradores não estavam a utilizar as mesmas linhas orientadoras. Não houve oportunidade de realizar o debate. |
| 30. Os participantes nos painéis deveriam ter previamente comparado as suas intervenções, para não haver repetição e permitir algum tempo para debate. |
| 31. Achei extenso...muita informação para um só dia, o que "cansou", mas a informação foi muito relevante. Talvez os painéis devessem ter funcionado simultaneamente, em salas diferentes, para os docentes respectivos. |

| |
|--|
| 32. Muito importante a comunicação e a forma como ela se faz. Contribuir par reflectir sobre a forma como se processa a "nossa prática pedagógica", como é importante a abertura à mudança e como esta pode conduzir ao sucesso educativo dos alunos se houver de facto empenho do professor e da escola. |
| 33. Falta de consideração por parte da Ministra da Educação Dra. Isabel Alçada. |
| 34. Programa demasiado longo para escolas que percorreram longas distâncias. Os painéis "Boas Práticas na disciplina ..." desviaram-se do tema, ao apresentarem estatísticas, resultados.... Incumprimento da presença da Sra. Ministra da Educação. |
| 35. Melhorar as condições espaciais (espaço maior e ar condicionado). |
| 36. Poderão pedir aos oradores que também disponibilizem os textos - por exemplo: Dra. Luísa Tavares Moreira e Professor Roberto Carneiro. |
| 37. Limitar o número e a extensão das intervenções |
| 38. Deveria haver um painel de Inglês. Os painéis deveriam ter menos elementos. |
| 39. Penso que as apresentações devem primeiro ser avaliadas, para que seja verificada a sua pertinência e interesse (evitava esta tarde entediante). |
| 40. Os painéis apresentados na sessão da tarde foram exaustivos e fugiram aos objectivos (Exemplos de boas práticas lectivas). |
| 41. Apresentação de um painel de Inglês, dado que é também uma disciplina contemplada pelo projecto. |
| 42. Articulação entre os vários painéis para evitar a repetição de assuntos. |
| 43. Seria proveitoso para todos os docentes envolvidos neste projecto, terem os materiais on line para os podermos usar. Assim, seriam rentabilizados. |
| 44. Algumas intervenções foram demasiado longas e alguns diapositivos apresentavam uma letra ilegível. |
| 45. Sugestão: Partilha de materiais pedagógicos. |
| 46. Na minha óptica, eu entendo esta acção como sendo propiciadora de partilha de metodos e estratégias conducentes a uma melhoria do processo de ensino-aprendizagem, no âmbito do "Projecto Fénix". |
| 47. Comunicações desmaiado longas. Número de participantes muito elevado, tornando as exposições repetitivas. |
| 48. A duração de algumas apresentações foi dramaticamente extensa. Penso que os moderadores deveriam controlar muito melhor algumas intervenções. |
| 49. Futuramente, os horários descritos nos programas dos seminários, deverão ser cumpridos. |
| 50. Verificar se as apresentações não repetem os mesmos assuntos e não permitir que as apresentações da Escola de Beiriz sejam muito alargadas. |
| 51. Embora tenha sido muito enriquecedora, não posso deixar de referir que os painéis de oradores foram muito extensos. Bastavam 2 experiências diferentes de boas práticas, por painel. 4 apresentações tornaram-se um pouco maçadoras. Os tempos devem ser mais respeitados. Os oradores devem preparar as suas intervenções tendo em consideração o tempo disponível. |

| |
|---|
| 52. Deveria ser mais prática, ou seja não apresentar práticas de escolas mas esclarecer dúvidas aos docentes. |
| 53. Menos oradores por painel (2 a 3) |
| 54. As exposições poderiam ser menos quantificadoras de "número" e mais de como chegar ao sucesso (quais os caminhos a seguir). |
| 55. Algumas apresentações não chegaram à plateia... As expectativas eram muitas e as dúvidas que existiam, voltaram, em bom número, para a escola... |
| 56. Participantes a mais. Painéis muito extensos. |
| 57. As experiências das escolas/áreas foram pouco motivadoras. Devem ser seleccionadas pessoas que revelem boa capacidade de comunicar e apresentem experiências inovadoras (creio que a organização deverá ter uma palavra e dizer antes das comunicações serem apresentadas pelos oradores de forma a garantir mais qualidade e interesse). |
| 58. Apresentações (algumas) muito longas, pouco práticas, muito teóricas, limitadas à leitura , principalmente, num momento em que a capacidade de concentração já estaria esgotada. |
| 59. Diminuir carga expositiva; criar workshops; grupos de trabalho para estudos de caso. |
| 60. Futuramente, creio que deverão reduzir o nº de painéis ou, pelo menos, o nº de intervenientes em cada um e possibilitar troca de ideias e o levantamento de dúvidas/questões. |

Como já se referiu, a questão chave teve a ver com a ambição do programa e o relativo descontrolo o tempo. Refira-se, no entanto, que houve a percepção prévia deste efeito tendo-se adoptado a seguinte estratégia:

- a) Foi enviado a cada interveniente um perfil-tipo da apresentação, com nº máximo de diapositivos e tempo máximo de intervenção;
- b) As apresentações foram todas visionadas previamente para se verificar o grau de cumprimento das normas, tendo havido situações de reformulação.

Não obstante esta prévia indicação e controlo, o facto é que diversos participantes acabaram por não cumprir o referencial – provavelmente por falta de experiência na gestão destes eventos - o que acabou por prejudicar globalmente a iniciativa.

7.5. O livro *Projecto Fénix – Mais sucesso para todos. Memórias e dinâmicas de construção do sucesso escolar*

No âmbito do projecto, surgiu a ideia por parte de Joaquim Azevedo de se produzir uma publicação que fosse o registo do primeiro ano. Definiu-se uma estrutura-tipo onde teria destaque a reflexão e a participação das escolas. Com o apoio do Agrupamento de Beiriz reuniu-se um conjunto de

depoimentos que foram inseridos na estrutura delineada. Durante o seminário foi distribuído a todos os participantes o livro que procurou constituir-se como um referencial teórico e prático do projecto. Concebido pela UCP e organizado por Joaquim Azevedo e José Matias Alves, a obra pretende ser uma pequena amostra do que foi o projecto Fénix no ano lectivo de 2009-2010, sendo também uma forma de prestar contas à comunidade educativa nacional ¹⁰.

7.6. Os Posters

Para aumentar as oportunidades de participação das escolas foi criada a possibilidade de apresentação de posters (Regulamento anexo V). Dada a relativa novidade do suporte foi criado uma “linha” de apoio à elaboração do suporte, tendo sido expostos 12 exemplares alguns deles impressos directamente pela UCP, nos casos em que as escolas alegaram dificuldades de impressão.

8. Situações-problema e modos de equação

Ao longo do ano lectivo foram identificados as seguintes situações-problema. Logo no início do ano, através da acção de acompanhamento directo da equipa AMA-Fénix de Beiriz, foram recenseadas as questões mais prementes e que foram objecto de debate, aferição e validação (Anexo VI).

Em termos gerais e sistemáticos, identificamos três grandes categorias de problemas:

- i) Um modelo organizacional tendencialmente inconsistente em *algumas* escolas.

É conhecida a importância das lideranças de topo e das lideranças intermédias na criação de condições de sucesso. Pois liderar é comunicar, persuadir, implicar, comprometer, aceitar mudar de postura e disposição para que os alunos aprendam mais. Ao longo do processo de monitorização, foi possível identificar algumas situações de lideranças descomprometidas com o projecto, o que pode ter condicionado os níveis de sucesso atingido. Foi a consciência deste problema que determinou a inclusão de alguns conteúdos nos

¹⁰ O livro teve uma tiragem de 500 exemplares integralmente destinada a oferta aos participantes no seminário. Foram reservados 250 exemplares para a distribuição pública.

seminários regionais e que fez o Agrupamento de Beiriz planear com a UCP diversas deslocações às escolas já no terceiro período ¹¹.

- ii) Um modelo didáctico fundado matricialmente na exposição, na passividade discente, na uniformidade.

Ao longo do ano foi sendo perceptível que não bastava mudar o modelo organizacional. Era preciso mudar o modelo didáctico: o modo de planear a acção, de diferenciar a pedagogia, de recorrer a diversas modalidades e instrumentos de avaliação. Desta percepção, nasceram textos que foram colocados ao dispor das escolas através da plataforma digital gerida pelo agrupamento de Beiriz e no âmbito dos encontros regionais esta questão foi sistematicamente referenciada, sendo expectável que tenha produzido algum resultado, como aliás se depreende da avaliação realizada no final das acções.

- iii) Um modelo profissional tendencialmente fundado na conformidade e na (ir)responsabilidade burocrática.

Uma das preocupações profissionais mais recorrentes é o “dar ou cumprir o programa”, mesmo quando isso significa que houve pouca ou nula aprendizagem. Esta “responsabilidade burocrática” que consiste em cumprir ordens e normativos superiores (com os que os programas expressam) servem, frequentes vezes, como alibi para aceitar a desvinculação escolar e as não aprendizagens. Por outro lado, os exames, elaborados a partir do referencial programático, constituem outro factor relevante que condiciona a acção do professor ao “dar o programa”. Sem desvalorizar a importância do programa e dos exames, importa, no entanto, ter presente, que quantas mais aprendizagens os alunos realizarem melhores resultados poderão obter nos exames. Daqui decorre que numa escolarização para todos é dever profissional

¹¹ As intervenções no terceiro período realizaram-se nas escolas

EB Ericeira

ES Camarate

EB Alvalade do Sado

ESMário Beirão Beja

Ag Baguim do Monte

Agrupamento Aviz

Agrupamento Mourão

Agrupamento Albufeira

Agrupamento Teixoso

com uma duração média de 2 horas e consistiram na escuta dos problemas e no enunciado das possibilidades de superação, tendo decorrido em ambientes muito estimulantes e gratificantes.

e responsabilidade institucional fazer tudo o que for possível para aumentar as oportunidades de sucesso e promover a igualdade de oportunidades.

- iv) Um modelo de acção *solitário* que precisava de uma retaguarda de suporte, apoio e reconhecimento

Como se sabe, o modelo escolar funda-se num paradigma da separação (de saberes, de séries, de tempos, de espaços...) e numa acção profissional eminentemente individual. Para superar este constrangimento e construir uma acção mais unitária e colaborativa foi sendo prescrito o projecto educativo de escola, o projecto curricular de escola, o projecto curricular de turma. Mas são óbvios os limites destes instrumentos de regulação. É preciso, mais do que instrumentos normativos, um modelo de acção mais colaborativa fundado no trabalho mais colegial a nível do ano e da turma. E a instituição de dispositivos de suporte, apoio e reconhecimento.

9. Textos de apoio à acção

Um dos eixos da intervenção previstos, passava pela elaboração de textos originais – em regra nascidos da observação das realidades - que pudessem servir de referência para a acção pedagógica e organizacional. E pela disponibilização de textos de referência que poderiam servir de inspiração e auto e hetero-formação. Eis o resultado desta linha de acção:

9.1. Textos disponibilizados

- i) *Estratégias para gerar capacidades na organização*
Fonte. António BOLÍVAR (2003), Como Melhorar as Escolas – Estratégias e dinâmicas de melhoria das práticas educativas. Porto: ASA, pp. 127 a 192
- ii) *As estratégias de aprendizagem: o que são? Como se inserem no currículo?*
Fonte: Carles Monereo FONT (org) (2007). Estratégias de Ensino e Aprendizagem. Porto: ASA
- iii) *Estratégias Eficazes na Promoção de Resultados Académicos, Sociais e Emocionais*
Estratégias de Infusão da Aprendizagem Social e Emocional nos Currículos Escolares
Maurice J. Elias

- Fonte: Building Academic Success on Social and Emotional Learning:
What Does the Research Say?
(Construir o Sucesso Académico a partir da Aprendizagem Social e Emocional –
O que nos diz a Investigação?)
Joseph E. Zins, Roger P. Weissberg, Margaret C. Wang e Herbert J. Walberg, Editores
- iv) Relações Família/Escola/Pares: Impacto na aprendizagem social, emocional e escolar
Sandra L. Christenson e Lynne H. Havy
Fonte: Building Academic Success on Social and Emotional Learning:
What Does the Research Say?
(Construir o Sucesso Académico a partir da Aprendizagem Social e Emocional –
O que nos diz a Investigação?)
Joseph E. Zins, Roger P. Weissberg, Margaret C. Wang e Herbert J. Walberg, Editores
- v) A necessidade da formação de professores no âmbito das estratégias de aprendizagem
Fonte: Carles Monereo FONT (org) (2007). Estratégias de Ensino e Aprendizagem. Porto: ASA
- vi) Um Conjunto de Ferramentas para a Aprendizagem
Fonte: Kieran Egan. Uma abordagem imaginativa ao ensino
(tradução não editada)
- vii) O Currículo PEPA: Teoria e Investigação sobre o Desenvolvimento Neurocognitivo e o Sucesso Escolar
Mark T. Greenberg, Carol A. Kusché e Nathaniel Riggs
Fonte: Building Academic Success on Social and Emotional Learning:
What Does the Research Say?
(Construir o Sucesso Académico a partir da Aprendizagem Social e Emocional –
O que nos diz a Investigação?)
Joseph E. Zins, Roger P. Weissberg, Margaret C. Wang e Herbert J. Walberg, Editores
- viii) Trindade, Rui (2002). *Experiências educativas e situações de aprendizagem*. Porto: Edições ASA

ix) Estratégias de Desenvolvimento e Inovação

Fonte. António BOLÍVAR (2003), Como Melhorar as Escolas – Estratégias e dinâmicas de melhoria das práticas educativas. Porto: ASA, pp. 105 a 126

x) Princípios psicológicos centrados no aprendiz

Fonte: Building Academic Success on Social and Emotional Learning:

What Does the Research Say?

(Construir o Sucesso Académico a partir da Aprendizagem Social e Emocional –

O que nos diz a Investigação?)

Joseph E. Zins, Roger P. Weissberg, Margaret C. Wang e Herbert J. Walberg, Editores

9.2. Textos produzidos

i) José Matias Alves (2009) Da Construção do Sucesso Educativo para Todos - O Projecto Fénix e a Pedagogia do Voo – Ensaio de enquadramento (1 Junho 2009)

ii) Idem (2009), O Projecto Fénix e as Condições de Sucesso num Contexto de Alargamento (Setembro 2009)

iii) Idem (2010) , As (novas) Disposições para a Acção Educativa Nota de síntese reflexiva (Janeiro de 2010)

iv) Idem (2010), Variáveis da construção do sucesso escolar (Fevereiro 2010)

v) Idem (2010), Modelo didáctico e a construção do sucesso escolar (Março de 2010)

vi) Idem (2010), Roteiro para ensinar a quem não quer (Maio de 2010)

10. Conclusões e recomendações

Através da observação directa em muitos contextos da acção e da análise de conteúdo de múltiplos testemunhos é possível enunciar as seguintes conclusões:

- 10.1. O modelo de monitorização ¹² funcionou de forma articulada e eficaz, fruto da contínua comunicação estabelecida entre o Agrupamento de Beiriz (designadamente através da directora do Agrupamento) e a UCP;
- 10.2. Cada entidade pode mobilizar as mais valias que detinha (conhecimento do terreno e conhecimento mais baseado na reflexão e investigação), colocando-as ao serviço das escolas do projecto;
- 10.3. Os Encontros Regionais realizados revelaram-se uma estratégia fundamental para informar, formar e securizar os intervenientes nos projectos. Os elevados índices de participação em todos os encontros são um indicador seguro de uma necessidade que foi sendo satisfeita. E a avaliação realizada confirma, em termos globais, a pertinência e a relevância da iniciativa.
- 10.4. A formação que foi possível realizar (3 + 3 seminários regionais) foi genericamente muito valorizada, não obstante a escassez de tempo e o facto de não ter sido acreditada.
- 10.5. O lançamento do projecto de criação de redes de cooperação entre professores das disciplinas centrais de intervenção (Português, Matemática e Inglês) foi globalmente reconhecido como relevante, sendo agora necessário procurar lançá-lo no segundo ano.
- 10.6. A construção de uma identidade do projecto, do sentimento de pertença a uma comunidade educativa que está a construir algo de novo e muito marcante em termos de inovação e de aprendizagem dos alunos é outra conclusão emergente que parece sustentável enunciar.
- 10.7. A assumpção progressiva de que o insucesso não é uma fatalidade e uma condenação e que as escolas têm possibilidade de fazerem a diferença agindo nos modos de gestão do currículo e dos programas, trabalhando de forma mais colaborativa, reforçando os dispositivos de comunicação e articulação.

Em termos de recomendações, parece aconselhável

¹² O agrupamento de Beiriz realizou um acompanhamento directo recorrendo aos contactos telemáticos e pessoais; a monitorização da UCP seguiu o padrão de monitorização de segunda linha, em regra mediado pelo agrupamento de Beiriz.

- 10.8. Aumentar os dispositivos de comunicação entre as escolas (através da implementação das redes, criação de um boletim informativo digital...);
- 10.9. Acreditar os momentos de formação que se vierem a planificar para o próximo ano lectivo e seguintes;
- 10.10. Produzir conhecimento sobre os factores geradores do sucesso educativo através da realização de estudos de caso por parte da FEP-UCP;
- 10.11. Validar, em sede da FEP-UCP, recursos e materiais didácticos produzidos pelas escolas;
- 10.12. Apoiar dispositivos de formação a distância;
- 10.13. Induzir dispositivos de auto-controlo interno da qualidade da avaliação produzida.

Anexos Ilustrativos

Anexo 1 – Programa do seminário do 1º período (realizada em Lisboa, Évora e Porto)



Programa de Formação Mais Sucesso _ Projecto Fénix

Gerando novas oportunidades de aprendizagem

Porto, 5 de Dezembro

10:00 – Recepção aos participantes

Divisão dos participantes por sala (os participantes são organizados em dois grupos e permanecem na mesma sala todo o dia)

10:30 – Sala A – Maria Luísa Moreira, Marco Marco Martins e Daniela Barbosa Agrupamento de Beiriz - As questões de operacionalização do projecto Fénix e as hipóteses de solução

Sala B – José Luís Gonçalves - As competências pessoais e profissionais na relação pedagógica

11.45 – Coffe-break

12: 15 – Sala A - José Luís Gonçalves - As competências pessoais e profissionais na relação pedagógica

Sala B - – Maria Luísa Moreira, Marco Marco Martins e Daniela Barbosa Agrupamento de Beiriz - As questões de operacionalização do projecto Fénix e as hipóteses de solução

- Preenchimento e entrega de ficha de avaliação

13:30 – Intervalo para almoço

15:00 – Reinício dos trabalhos.

Auditório 1 – José Matias Alves – A Boa Escola: Condições sociais, organizacionais e profissionais que geram práticas de escolarização sucedida

16:00 – Coffe-break

16: 20 - Continuação dos trabalhos. Debate tendo em conta a exposição inicial e as acções concretas no terreno. Inventário de situações-problema e modos de as ultrapassar.

Preenchimento e entrega de ficha de avaliação

18:00 – Encerramento

Anexo II

Programa de Formação realizado no 2º período



CATÓLICA
UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA | PORTO
Faculdade de Educação e Psicologia

**PROGRAMA MAIS SUCESSO
PROJECTO FÉNIZ
Encontros de Formação
Abril 2010**

Datas

Lisboa: 26 Abril, UCP

Évora: 27 Abril, (Direcção Regional de Educação)

Porto: 29 Abril. UCP

Tema:

**Estratégias de Ensino, Aprendizagem e Avaliação
&
Motivar para Aprender**

Modalidade

Acção de Formação

Programa

9.30 Recepção

10.00 Sessão plenária

**Estratégias de Ensino e Aprendizagem, Diferenciação Pedagógica e Avaliação_ José Matias
Alves (Universidade Católica Portuguesa)**

11.30 Intervalo

12.00 Debate

13.00 Intervalo para almoço

14.30 Sessões simultâneas

**Sala A - Aprender a ler e escrever no 1º ciclo (professores 1º ciclo)_ Maria José Araújo
(Universidade Católica Portuguesa)**

**Sala B - Redes de cooperação (participantes nas redes)_ Construção de comunidades de
prática _ José Matias Alves (Universidade Católica Portuguesa)**

16.00 Intervalo

16.30 Sessão plenária

A Motivação para Ensinar e Aprender _ José Matias Alves (Universidade Católica Portuguesa)

17.30 - Encerramento

Anexo III – Seminário Nacional, Programa de 15 de Julho de 2010

Seminário Nacional Mais Sucesso **PROJECTO FÉNIX**

15 de Julho de 2010

Faculdade de Educação e Psicologia > Lisboa



Programa

9.00 Recepção

9.30 **Sessão de Abertura**

Alexandre Ventura, Secretário de Estado Adjunto da Educação

Joaquim Azevedo, Universidade Católica Portuguesa

Alexandra Marques, Directora Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular, Co-coordenadora nacional do Programa Mais Sucesso

José Verdasca, Director Regional de Educação do Alentejo, Co-coordenador do Programa Mais Sucesso

Luísa Tavares Moreira, Directora do Agrupamento de Beiriz, Coordenadora do Projecto Fénix

10.00 Conferência

Roberto Carneiro (Universidade Católica Portuguesa) - **Organizar a Escola para o Sucesso Educativo – caminhos para a acção**

10.45 Comentário

José Matias Alves, Universidade Católica Portuguesa

10.55 Lançamento do Livro: **Projecto Fénix – Mais Sucesso para Todos – Memórias e dinâmicas de construção do sucesso escolar**

Joaquim Azevedo

11.05 Debate

11.20 Intervalo

11.45 **Painel de escolas da rede Fénix – Boas práticas de organização e liderança**

Moderadora:

Luísa Tavares Moreira, Coordenadora Nacional do Programa Fénix, Directora do Agrupamento de Beiriz

Ana Maria Videira, Directora do Agrupamento de Campo Maior (DRE Alentejo)

António Júlio Anunciação Castro, Director do Agrupamento de Vagos (DRE Centro)

Júlio Filipe Sousa, Director do Agrupamento de Salir (DRE Algarve)

Maria José Martins, Directora do Agrupamento de Escolas de Alhos Vedros (DRE Lisboa e Vale do Tejo)

Mário António Rodrigues, Director do Agrupamento de Escolas de Caldas das Taipas (DRE Norte)

12.45 Debate

13.00 Intervalo para almoço

14.30 **A origem do Projecto Fénix**

António Leite, Director Regional de Educação do Norte

14.40 **Painel de escolas da rede Fénix – Boas práticas na disciplina de Português**

Moderador:

António Vilas-Boas, Autor, Professor de Português do Ensino Básico e Secundário, Formador

Marcelina Silva, Agrupamento de Escolas de Beiriz

Maria de Deus Gonçalves, Escola Secundária de Monção

Maria Teresa Coutinho, Escola Secundária Padre Antónia Vieira (Lisboa)

Ricardo Jorge Ferreira, Escola Secundária de Camarate (Lisboa)

15.15 Debate

15.40 Intervalo

16.00 **Painel de escolas da rede Fénix – Boas práticas na disciplina de Matemática**

Moderador:

Arsélio Martins, Presidente da Associação de Professores de Matemática (APM), Professor de Matemática do Ensino Básico e Secundário, Formador

Carina Pinheiro, Agrupamento de Escolas de Beiriz

Carla Manuela Pavão, Agrupamento de Escolas Gomes Teixeira

João Rodrigo Simões, Agrupamento de Charneca da Caparica

José Miguel Alves, Agrupamento de Escolas de Mogadouro

16.40 **Painel de escolas da rede Fénix – Boas práticas pedagógicas no 1º ciclo do ensino básico**

Moderador:

Maria José Araújo, Universidade Católica Portuguesa

Acácio Domingos Santos, Agrupamento de Escolas Álvaro Velho, Lisboa

Eugénio Barreira, Agrupamento de Escolas de Beiriz, Póvoa de Varzim

Miriame de Menezes Alves, Agrupamento de Escolas Gomes Teixeira, Porto

17.30 Debate

17.45 Síntese dos trabalhos
José Matias Alves

18.00 Encerramento
Luísa Tavares Moreira
Joaquim Azevedo
Isabel Alçada, Ministra da Educação

ANEXO IV – FICHA DE AVALIAÇÃO



Seminário Nacional Mais Sucesso _ Projecto Fénix

15 de Julho de 2010

Nota: Todos os materiais projectados serão disponibilizados no sítio da FEP_UCP, no prazo máximo de 5 dias úteis.

Ficha de avaliação

Tendo em vista avaliar diversos parâmetros da qualidade do seminário, responda, por favor, a esta ficha de avaliação, utilizando a escala de 1 a 4, em que **1 significa mínimo e 4 significa máximo.**

| | | | | |
|---|---|---|---|---|
| 1. Os objectivos da iniciativa | 1 | 2 | 3 | 4 |
| 2. A oportunidade da iniciativa | 1 | 2 | 3 | 4 |
| 3. O interesse da conferência inaugural | 1 | 2 | 3 | 4 |
| 4. O interesse do painel dos directores | 1 | 2 | 3 | 4 |

- | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| 5. O interesse do painel da Língua Portuguesa | 1 | 2 | 3 | 4 | |
| 6. O interesse do painel da Matemática | 1 | 2 | 3 | 4 | |
| 7. O interesse do painel do 1º ciclo | | 1 | 2 | 3 | 4 |
| 8. O interesse global do seminário | | 1 | 2 | 3 | 4 |

10. Para mim esta acção foi (escreva como foi)

12. Observações, comentários e sugestões

Muito obrigado pela sua colaboração!

Depois de preencher, entregue, por favor, no secretariado.

Anexo V – Regulamento Poster

Seminário Mais Sucesso_Fénix Apresentação em POSTER

Regulamento

1. O suporte *Poster* serve o propósito de ilustrar alguns dos elementos essenciais do projecto Fénix, divulgar práticas e contactos.
2. Todas as escolas da rede Fénix podem apresentar um poster em que apresentem o projecto fénix ou um elemento que pretendam destacar.
3. **Os posters devem ser impressos em A1**
Tipo e corpo de letra: Times New Roman ou semelhante, corpo 24 (mínimo). Podem incluir esquemas, gráficos, fotos e/ou ilustrações para facilitar a leitura.
4. A versão para impressão deve ser gravada em formato JPG com resolução 200dpi.
5. O poster deve poder ser lido a pelo menos 2m de distância
6. Os posters devem estar devidamente identificados (escola, autoria)
7. ***Perfis:*** preferencialmente alumínio.

Nota: Os autores devem fazer chegar à organização uma versão electrónica até ao dia 15 de Junho de 2010 (e-mail mjosearaujo2010@gmail.com) de forma a

podermos organizar o espaço.

Qualquer dúvida deve ser colocada à Dr^a Maria José
Araújo (e-mail supra)

Anexo VI - Questões-problema ¹³

**As questões-problema recenseadas pela equipa AMA-Fénix de Beiriz e que foram
objecto de análise e 'validação' da UCP**

Neste documento procurámos responder a algumas questões/problemas que consideramos pertinentes e que nos foram sendo colocadas, quer através de consultas directas, quer através do feedback que a Equipa AMA-Fénix foi obtendo nos contactos de proximidade e nas formações realizadas.

Conhecedores do contexto de implantação, das diferentes realidades e das múltiplas operacionalizações que foram sendo realizadas ao Projecto Fénix, procuramos de uma forma transversal responder a estas questões/problemas, no entanto, cada realidade e contexto de operacionalização pode implicar alguma adequação da vertida neste documento. Esta situação, por vezes, pode originar a possibilidade de mais do que uma resposta a cada questão. Estas soluções não são mágicas, foram aparecendo muitas vezes por tentativa e erro e podem não resultar noutros contextos. **Importa ter consciência**, no entanto, que muitas delas demoram o seu tempo a produzir resultados e, como tal, é necessária a persistência e uma monitorização cuidada que nos permita avaliar da sua eficácia e justeza. não devemos desistir.

As soluções que aqui apresentamos não pretendem ser vinculativas, resultam da experiência vivenciada e reflectida em Beiriz com a implantação do projecto Fénix, sob a monitorização da Universidade Católica, tendo sido validadas/certificadas/supervisionadas

¹³ Como se referiu, este documento foi concebido no âmbito da acção da equipa AMA-Fénix de Beiriz, tendo sido trabalhado e validado pela UCP, assumindo esta uma forma específica de monitorização.

pela mesma Universidade, e são igualmente do conhecimento da Coordenação Nacional do Programa Mais Sucesso e das Direcções Regionais de Educação.

Estaremos sempre à disposição, como até aqui, para qualquer esclarecimento complementar de forma a responder de modo mais específico à realidade de cada escola.

FAQ

As respostas/soluções serão agrupadas por temáticas e procurarão ser abrangentes, de forma a poderem incorporar as especificidades de cada operacionalização. Muitas destas respostas deverão ser concretizadas via Departamentos, Conselho Pedagógico e Direcção das respectivas Escolas/Agrupamentos adequando-as ao respectivo contexto.

A. OPERACIONALIZAÇÃO DO PROJECTO

1 - Alguns alunos, apesar do acordo dos Encarregados de Educação, não pretendem ir para os Ninhos. O que fazer?

Se não querem ir é porque a representação que têm é negativa. Não vêem a vantagem pessoal dessa oportunidade. Por isso, temos que tentar que esses alunos reconheçam que a existência de Ninhos se deve à necessidade de TODOS os alunos aprenderem, adequando as metodologias aos ritmos diferenciados de cada um. Os professores têm que fazer com que os alunos tenham uma representação dos Ninhos como uma solução benéfica e temporária para colmatar dificuldades e lacunas de outros anos e que apenas servem como trampolim para mais facilmente se integrarem no normal cumprimento do currículo desenvolvido na turma Fénix. Face ao exposto, os professores devem igualmente articular e agir em conformidade com a situação para que não ocorram situações de alunos que não queiram sair dos Ninhos para a turma Fénix. Em qualquer dos cenários, a mudança de representações passa muito pela relação pedagógica que se estabelece e pelas práticas efectivas de implicação dos alunos nas situações de aprendizagem.

2 - Em que momento e de que forma se deve fazer a transição entre Ninhos e entre o Ninho e a turma?

O critério essencial para a decisão é o seguinte: analisar se o aluno está em condições de realizar aprendizagens significativas no contexto que vai frequentar. Este tipo de transições deve ser definido pelos professores em causa após grande articulação. Sugerimos que os alunos vão para as turmas Fénix quando se sentirem relativamente autónomos na realização das tarefas solicitadas nos Ninhos e não apresentem grande desfasamento em relação aos alunos da turma mãe.

3 - O baixar das expectativas dos alunos da turma Ninho pode criar desânimo e menos empenho (em quem? No aluno ou no professor?). Como contrariar este risco?

Uma das dimensões essenciais do projecto relaciona-se com o princípio da educabilidade de cada ser humano, com a convicção de que todos podem aprender o que é essencial para a vida. Por isso, as expectativas devem ser elevadas até ao patamar máximo das potencialidades de cada um. E a acção didáctica deve ancorar-se nas ZDP – zonas de desenvolvimento próximo – sugeridas por Vigotsky, isto as tarefas propostas a cada aluno devem ser exigentes mas passíveis de serem realizadas por cada aluno com mais ou menos ajuda. Um dos pilares do projecto é o incremento da auto-estima dos alunos, considerando que esta pode ser potenciada pelo reforço positivo dado pelo professor quando o aluno é capaz de realizar uma tarefa de forma satisfatória. Consequentemente, a ida para os Ninhos também tem como objectivo que os alunos, de forma gradual, vão sendo capazes de apresentarem prestações positivas e resolver problemas/exercícios de grau de dificuldade cada vez mais difícil e se vão empenhando mais, ficando animados com as suas prestações.

4 - O professor que está no Ninho vai utilizar o mesmo manual e acompanhar a planificação da turma Fénix?

Devem ter estes documentos como referências não vinculativas. Pode ser necessário criar materiais específicos para lidar com a diversidade de situações para potenciar a maior igualdade que for possível em termos de resultados. Os professores que estão nos ninhos e nas turmas Fénix necessitam de uma perfeita articulação para minimizar constrangimentos na hora das transições. Estes professores, apesar de terem turmas menos heterogéneas (em algumas situações), terão que lidar com alguma heterogeneidade existente nos seus grupos de trabalho e, como tal, ter alunos a trabalhar de uma forma e outros de outra. É por isso que a **diferenciação pedagógica** ao nível dos conteúdos, processos e resultados é uma premissa importante deste projecto.

5 - Qual o número máximo de alunos no Ninho para que este funcione?

O número máximo de alunos por Ninho depende de múltiplos factores: características dos alunos envolvidos, grau de heterogeneidade, recursos físicos e materiais, entre outros. No entanto, a literatura considera e a experiência em Beiriz comprova que os grupos não devem exceder o número de 8 alunos. Dez já é uma situação não desejada.

6 - Como lidar com a heterogeneidade dentro do Ninho e dentro da turma Fénix?

Responde-se à heterogeneidade com diferenciação pedagógica ao nível dos conteúdos, processos e resultados (dever-se-ia remeter para bibliografia ou webgrafia de suporte a estes conceitos) . Os professores devem ser capazes de ter todos os alunos ocupados e a desenvolver actividades diferenciadas de acordo com as suas competências. Para que isto seja possível é desejável a constituição de bancos de recursos multimédia por área disciplinar, com o contributo individual de cada membro da equipa pedagógica.

7 - Como gerir o tempo para leccionar conteúdos nos Ninhos para não atrasar em relação à turma? E como gerir o potencial desfasamento criado?

Nos ninhos existirão alunos que estão muito perto de transitar para as turmas e outros alunos que por diferentes ritmos ou por apresentarem grandes lacunas se encontram noutros patamares. Apenas com diferenciação pedagógica será possível gerir esta situação. E se relativamente ao primeiro grupo parece pacífico, relativamente ao segundo grupo temos que os ir “buscar” ao estádio em que se encontram e, pouco a pouco, - no início de forma mais lenta, mas depois aumentando ligeiramente o ritmo - fazer com que estes alunos consigam consolidar aprendizagens e ir diminuindo o desfasamento para a turma Fénix e para o ano de escolaridade em que se encontram. O trabalho colaborativo, o aumento da comunicação escola-família, o recurso a tutorias intra grupos, a avaliação formativa sistemática, a celebração dos pequenos êxitos... são algumas práticas que poderão gerar frutos positivos.

8 - Se um dos professores (Ninhos ou Fénix) faltar, ficam todos os alunos juntos. Se andarem a ritmos diferentes, como operacionalizar a situação?

A resposta vai mais uma vez para a articulação entre docentes (as aulas já estavam previamente definidas entre os dois) e para a diferenciação pedagógica (ver supra a referência ao banco de recursos) . Ressalve-se que esta situação deve ser pontual, pois pode colocar os princípios do projecto em causa.

9 - O que fazer quando existe falta de cooperação entre os professores titulares de turma e os professores dos Ninhos ou entre os professores das turmas Fénix e os professores dos Ninhos?

Um dos pilares do Projecto Fénix é a articulação entre docentes. Se esta não existir o projecto corre o risco de implodir. É extremamente importante que os docentes planifiquem aulas e produzam materiais em conjunto, só assim se consegue uma boa articulação, uma boa definição de critérios de transição e se ajudam mutuamente no desenvolvimento da diferenciação pedagógica, outros dos pilares do projecto. É importante para o sucesso deste Projecto que estes docentes tenham tempos no seu horário comuns para trabalho conjunto e adequação de estratégias/metodologias. Deve ser igualmente potenciada a partilha dos colegas de grupo e dos coordenadores no desenvolvimento de estratégias e na elaboração de materiais. Em suma: activação das lideranças aos vários níveis da organização, criação de tempos e espaços comuns para que a equipa educativa se possa, de factor, construir.

10 - O que fazer quando as turmas são formadas com um número elevado de alunos, especialmente nas “outras” disciplinas que não as directamente intervencionadas (LP e Mat ou outras)?

Este ano existiram alguns constrangimentos na elaboração das turmas por múltiplas razões (que esperamos não se verifiquem no próximo ano). Para lidarmos com o elevado número de alunos, com alguma heterogeneidade ao nível de ritmo das aprendizagens e com a não existência de Ninhos (a literatura defende que a saída dos alunos das turmas originais deve ser feita pontualmente e apenas a 2, 3 disciplinas) propomos a diferenciação pedagógica ao nível dos conteúdos, processos e resultados. Propomos ainda uma forte partilha com os colegas do grupo disciplinar com o objectivo de elaboração de um banco de recursos para que seja possível, de forma menos individual, a operacionalização eficaz da diferenciação em sala de aula. Sugerimos igualmente que seja feita uma gestão inteligente do currículo da disciplina, em que o grupo define o currículo nuclear¹⁴.

11 - O que fazer quando há resistência à mudança, à inovação pedagógica e consequente oposição à alteração das práticas por parte dos professores envolvidos?

A primeira preocupação deverá ser tentar perceber as causas dessa situação e ajustar as decisões de superação às respectivas causas. Pode-se resistir por ignorância, por desinteresse,

¹⁴ Currículo Nuclear é o conjunto de aprendizagens básicas e essenciais assentes no princípio do “life-long” learning, isto é, aprendizagens a partir das quais se poderão realizar outras. Vilar, A.M. e Diogo, F.; Gestão Flexível do Currículo, ASA.

por falta de informação, por falta de percepção das vantagens... por... É muito importante esta compreensão dos porquês das resistências. Mas pode dizer-se, em termos gerais: Muita articulação, muita partilha, muito diálogo para que também os docentes sintam que a resposta a muitos problemas da educação se encontra ao nível das suas acções. A acção dos coordenadores e dos directores na implicação dos docentes, na criação de condições para o trabalho cooperativo e na formação é de extrema importância.

12 - O que fazer quando existem vários alunos com Necessidades Educativas Especiais nas turmas Fénix?

O Projecto Fénix não está directamente vocacionado para dar resposta aos alunos com NEE. No entanto, temos consciência que a existência destes alunos nas turmas pode ser uma realidade. Uma das consequências positivas é a reduzida dimensão da turma, a outra é a saída destes alunos em algumas disciplinas para ser acompanhado pelo professor do ensino especial, o que faz com que o grupo de trabalho tenha uma dimensão ainda mais reduzida. Quando tal não se verifica, mais uma vez a articulação entre docentes e o ensino diferenciado ajudarão a dar uma resposta profissional a estas situações.

13 - O que fazer quando existem duas turmas Fénix com diferentes ritmos de trabalho, sendo que os docentes que as leccionam têm também metodologias de trabalho diferentes e, como tal, - dificuldades ao nível do funcionamento dos Ninhos?

Esta situação, com a existência de muita articulação, tem tendência a ser minimizada,. No entanto, poderá ser necessário uma solução do tipo organizacional, exemplo um Ninho por turma Fénix.

B- AVALIAÇÃO

1 – Os alunos das turmas Fénix fazem testes iguais aos das outras turmas?

Esta decisão será sempre dos profissionais da educação, os professores! Caberá aos professores ver a adequação e o estágio de desenvolvimento da sua turma e adequar o teste ao leccionado. É igualmente necessária a definição de metas ao longo do ano, nunca retirando do horizonte o currículo essencial das disciplinas de Língua Portuguesa e de Matemática para o ano de escolaridade que o aluno frequenta. Como é óbvio, o mesmo tipo de preocupação deve existir, com as adaptações julgadas necessárias para as demais disciplinas que não têm controlo externo.

2 – Os alunos dos Ninhos fazem testes iguais aos da turma Fénix?

Nos Ninhos esta situação é altamente contingencial. Poderão existir alunos que estão muito próximos da turma Fénix e os professores em articulação decidirem dar o mesmo teste, até para ver o estágio destes alunos e o desfasamento em relação à turma Fénix. Como poderão existir alunos com grandes dificuldades e que se encontram a um nível de desenvolvimento de competências bastante diferente da turma mãe e que, inclusivamente, estão a dar conteúdos diferentes pelo que devem ter testes de acordo com o que estão a aprender. Poderão igualmente existir estas duas situações em simultâneo na base do princípio da diferenciação pedagógica. Importa, de qualquer modo, sublinhar o princípio da diferenciação dos resultados que, aplicado à avaliação, significa que devem ser usados uma grande diversidade de instrumentos de avaliação (não apenas testes escritos, mais ou menos padronizados...) para que a avaliação potencie as múltiplas inteligências dos alunos e permita que eles revelem de diferentes formas as aprendizagens que realizaram.

3 - A avaliação dos alunos das turmas Fénix e dos Ninhos como se processa?

No que concerne ao aproveitamento consideramos que é importante que o aluno veja o trabalho que realizou ser valorizado e, como tal, se o aluno estava a frequentar o ninho 1 e desenvolveu um trabalho extremamente meritório que até o fez transitar de nível (ninho) deve ver o seu trabalho reconhecido. Não defendemos só quando atingir a turma Fénix o aluno possa ter uma avaliação positiva, pois pode ter desenvolvido um trabalho de qualidade a recuperar dificuldades/lacunas pelo que deve ser recompensado. Esta valorização do desempenho do aluno pode ter consequências a muitos níveis, desde o aumento da auto-estima, uma vontade ainda maior de trabalhar mais e melhor para rapidamente chegar ao nível da Fénix, um exemplo para os outros colegas, uma elevação das expectativas e outros. É desejável que o aluno faça aprendizagens significativas e o mais rapidamente possível, dentro do expectável, atinja as competências correspondentes ao ano que frequenta. No entanto, deve sentir-se reconhecido e recompensado pelo trabalho que desenvolveu. A última resposta será sempre encontrada na Escola/Agrupamento através dos coordenadores de departamento, professores das turmas Fénix e dos Ninhos.

C- CUMPRIMENTO DO PROGRAMA

1 - Os professores de Matemática e de Língua Portuguesa que estão a leccionar nos Ninhos estão preocupados, pois se forem ao encontro às dificuldades dos alunos vão ter algumas dificuldades no cumprimento do programa nacional.

Consideramos que mais importante que cumprir o programa são as aprendizagens significativas realizadas pelos alunos. Esta situação não se verifica se os alunos apresentarem lacunas dos anos anteriores, pois não vão poder aprender o conteúdo do ano que frequentam, se tiveram aprendizagens por consolidar dos anos anteriores. Face ao exposto, defendemos que os professores têm de ir “buscar” os alunos aos estádios onde se encontram, os levem a aprendizagens significativas e, de forma gradual, os façam desenvolver competências, para que o mais rapidamente possível, dentro do expectável, atinjam as competências correspondentes ao ano que frequenta. Assim, é preciso interiorizar que a missão de cada professor não é “dar” o programa, mas fazer aprender aos alunos os conteúdos fundamentais e promover o desenvolvimento das competências essenciais. É deste modo que as oportunidades de um melhor desempenho em exame é mais expectável.

D- PROVAS DE AFERIÇÃO E EXAMES

1 - O que fazer com os alunos das turmas Fénix e dos Ninhos. Será que estes alunos estarão preparados para as provas de aferição e os exames?

O mais importante é tentar perceber qual a melhor resposta de uma escola pública que tem a obrigação legal e ética de fazer tudo o que está ao seu alcance para gerar aprendizagens. Será que estes alunos inseridos em turmas “ditas” normais, no canto da sala, com uma metodologia de ensino-aprendizagem tradicional vocacionada para o aluno “médio” estariam mais bem preparados para as provas de aferição e os exames do que inseridos em agrupamentos de alunos de menor dimensão como as turmas Fénix e os Ninhos, servidos por uma metodologia de ensino-aprendizagem centrada no aluno e nas suas dificuldades que apenas avança quando o aluno tem as aprendizagens consolidadas? Ao fim e ao cabo, o que é decisivo é fazer com que os alunos aprendam o que importante, o que essencial para vida (porque isso também será importante para o exame).

E - INDISCIPLINA E COMPORTAMENTO

1 - Como podemos combater a indisciplina na sala de aula, quer das turmas Fénix, quer dos Ninhos sabendo que estas turmas podem incluir os alunos mais problemáticos?

Existem múltiplas causas para a indisciplina e para o mau comportamento. Desde problemas familiares e sociais, passando por falta de atenção e concentração originadas por variados factores (noites mal dormidas, crises da adolescência, factores biológicos), por falta de regras claras e correspondentes sanções e por dificuldades de acompanhamento dos conteúdos abordados entre outros. A nossa primeira missão é descobrir, caso a caso, a origem do mau comportamento e actuar em conformidade. Se os problemas são familiares devemos pedir ajuda aos técnicos da escola (Psicólogos e Assistentes Sociais) que devem dirigir-se preferencialmente a estas turmas (o seu trabalho nas outras turmas estará reduzido). Concomitantemente deverão existir regras claras, conhecidas por docentes e discentes de toda a escola e/ou Agrupamento, sendo uniformizada a sua aplicação em todos os níveis de ensino com sanções definidas em caso de não cumprimento (em conformidade com o estatuto do aluno e Regulamento Interno). Outro ponto que nos parece importante para a diminuição do mau comportamento será a metodologia de ensino-aprendizagem, vulgo estratégia de aula, que centrando a sua acção no aluno e nos desafios de aprendizagens colocados poderá contribuir para diminuir problemas de comportamento. A coerência e consistência da acção da equipa educativa, a “tolerância zero” para a violência verbal e física, a diversificação de métodos e técnicas de ensino, a escuta sistemática dos alunos, a ligação dos conteúdos – sempre que possível – aos centros de interesse dos alunos são algumas saídas válidas para prevenir e combater a indisciplina.

F- RITMOS DE APRENDIZAGEM

1 - Como gerir ritmos de aprendizagem tão diversificados?

A gestão de ritmos de aprendizagem tão diversificados só será possível com **diferenciação pedagógica** ao nível dos conteúdos, processos e resultados. Se tal não se verificar, não estaremos a dar a cada um segundo as suas necessidades, logo não estaremos imbuídos da filosofia subjacente ao projecto Fénix. O recurso às tutorias entre pares, a realização de tarefas e actividades diferentes são, para além da resposta organizacional “Fénix”, formas de minorar o problema.

2 - Como se uniformizam os diferentes ritmos das turmas Fénix-Ninhos aquando da transição dos alunos?

Mais uma vez só através de um ensino diferenciado e adequado a cada aluno é que os alunos serão capazes de desenvolverem aprendizagens significativas, ir diminuindo o desfasamento para com a turma Fénix e ao transitar já ser capaz de autonomamente ir desenvolver um trabalho significativo nesta turma.

3 - Nos Ninhos, embora o programa seja o mesmo, devemos caminhar ao mesmo ritmo que a turma Fénix?

O trabalho nos ninhos deve ser adequado aos alunos que os compõem, tendo sempre como alvo a realização de aprendizagens significativas e a diminuição do desfasamento entre o estágio dos alunos e as competências necessárias para aquele ano de escolaridade. Isto é: quem comanda, em qualquer situação, são as aprendizagens dos alunos.

G- MOTIVAÇÃO

1 - Os alunos das turmas Fénix e dos Ninhos não se sentem motivados, o que fazer?

O Director e os professores devem esforçar-se por demonstrar a alunos e a Encarregados de Educação que a Escola/Agrupamento está a adequar a sua acção às necessidades dos alunos e que está a fazer tudo para que os seus educandos façam aprendizagens significativas importantes para a vida e para uma escolaridade com sucesso. No contexto de sala de aula temos que ir “buscar” o aluno ao estágio em que se encontra, e só a partir daí, e de acordo com o seu ritmo, é possível ajudá-lo a desenvolver competências. É de todo conveniente que o reforço positivo e o incremento da auto-estima dos alunos seja um objectivo dos professores para que estes sintam que o seu trabalho tem valor e comecem a motivar-se para aprender. Convém igualmente que as estratégias de aula estejam centradas no aluno individualmente e que procurem ir ao encontro da produção de aprendizagens essenciais. Por outro lado, a ligação dos conteúdos à vida, a ilustração da importância do conhecimento, a exemplificação de que estudar “vale a pena”, são ingredientes usuais da motivação intrínseca.

2 - Os alunos revelam falta de atenção e concentração, de interesse para as aprendizagens e recusam-se a realizar as tarefas na sala de aula e em casa, como solucionar este problema?

A Reflectir.

No limite devemos aplicar sanções que dependam da escola e que sejam exequíveis.

Mais uma vez, é preciso fazer um diagnóstico dos problemas pois pode situações muito diversificadas. E só sabendo as causas prováveis será possível intervir com eficácia. Mas,

independentemente desta linha de acção, a capacidade assertiva do professor (e da equipa docente), a forte articulação com a família, a relação pedagógica exigente e compassiva, o exercício de uma autoridade que faça crescer são dispositivos centrais da acção.

3 - Como levar os alunos a reconhecerem que estar nos Ninhos é a melhor forma para eles aprenderem?

É a prática que os convence, não os discursos. Se eles virem, sentirem, experienciarem os benefícios de “estar nos ninhos” o problema está resolvido. Daqui decorre que este problema só é resolúvel se as práticas de ensino os convencerem. Podemos começar por usar a comparação com as explicações. Temos um professor da disciplina que tem mais tempo para cada aluno pois o grupo é pequeno, que vai promover um ensino individualizado e de acordo com as características e necessidades dos alunos.

H- ENCARREGADOS DE EDUCAÇÃO

1 - Como envolver os Encarregados de Educação?

Chamá-los, explicar-lhes o projecto, as vantagens expectáveis e comprometê-los. O envolvimento dos Encarregados de Educação, a que as Escolas devem aspirar, pretende, em primeira instância, o reconhecimento de que a Escola é capaz de cumprir a missão de contribuir para a educação integral do seu filho/educando.

I- Gerais:

1. Como diminuir a estigmatização que pode criar a formação das turmas Fénix e a ida dos alunos para os Ninhos?

A estigmatização dilui-se quando alunos e E.E./pais perceberem que, de facto, este projecto visa o sucesso de todos. E que, para isso, estamos a dar a cada um segundo as suas necessidades. Estamos a investir nesses alunos imensos recursos materiais e humanos para que TODOS possam fazer aprendizagens significativas.

2. Como atingir as metas do contrato com o Ministério da Educação?

Com o querer, saber e poder (individual e colectivo). Com lideranças transacionais e transformacionais. Com lideranças instrucionais. Com aferições internas regulares dos resultados e dos processos. Com responsabilidade e compromisso. Com muito empenho de todos os envolvidos no projecto.

3. Como lidar com a falta de técnicos (assistentes sociais e psicólogos)?

A falta de técnicos especializados (Assistentes Sociais e Psicólogos) é uma realidade de muitas escolas inseridas no Projecto Fénix. Sabemos que os recursos têm que ser geridos e que este ano não vão ser disponibilizados mais recursos para as escolas. Apenas podemos sugerir o estabelecimento de protocolos com Instituições de Ensino Superior do ramo para que os seus alunos vão estagiar nas escolas envolvidas, bem como parcerias com outras instituições que possam disponibilizar este tipo de técnicos.

4. O que fazer perante a falta de recursos físicos/materiais para o desenvolvimento do Projecto?

Esta questão deverá ser colocada caso a caso e ser do conhecimento das respectivas DRE's.

5. Como articular as aprendizagens entre ciclos?

A articulação entre ciclos só será bem sucedida quando os docentes dos vários ciclos se reunirem, planearem conjuntamente a acção educativa, aferirem os perfis de desempenho exigíveis no final de cada ciclo e forem partilhando angústias, constrangimentos, ideias, materiais e projectos para que sejam atenuados os desfasamentos que muitas vezes são uma realidade das nossas escolas.

Jma, 30 de Novembro de 2009 (a partir de versão base da equipa AMA-Fénix, Beiriz)